

muitos Romanos do nome *Albino*, que consta residiraõ em Espanha, e tiveraõ nella cargos honrosos. A Historia nos mostra, que o Lugar de *Albigni*, perto de Leaõ de França, tomou o seu nome da residencia, que alli fizeraõ as tropas de *Albino*, filho de Cejonio Posthumo, e Imperador opposto a Severo: *Albiniacum quasi Albini Castrum*, diz a *Encyclopaedia*: e constando pela Historia das Medalhas de Espanha, que houve em Carthagená hum Marco Posthumo *Albino*, como mostra Flores, (a) podia delle, ou de outro Albino deduzir a Familia de *Alvim* a sua origem.

D. Hug. Naõ precisaõ os *Alvins* de tal deducçaõ: porque o seu fangue pelo casamento de D. Leonor de Alvim com o Condestavel D. Nuno Alvares Pereira entrou em todas as Casas Reais da Europa, como mostra o nosso Salazar de Castro; (b) e quando ha semelhantes provas do esplendor das Familias pela Historia moderna, desnecessario me parece recorrer á antiga. Dai noticia das Casas e filhos benemeritos da Familia *Alvim*.

Lam. O nosso Chronista Mor, Fr. Manoel dos Santos, (c) tractando da Senhora D. Leonor de Alvim, diz, que fora seu avô paterno Pedro Soares de Alvim, Fidalgo muito antigo, cujo solar foi em hum Lugar, chamado *Alvim*, na Freguezia de Sam Paio de Villa verde, Concelho de Villachã na Ouvidoria de Barcellos, que he da Casa de Bragança: e esta opiniaõ, que tambem segue com bons

G g

fun-

(a) Flor. tom. 1, de Medalh. Tab. 16, n. 10, pag. 327.

(b) Salaz. Caz. de Sylv. tom. 1, pag. 94, Tab. 4.

(c) Mon. Lusit. tom. 8, pag. 433.

fundamentos o A. da Corographia Portugueza, (a) podeis confrontar com a do outro Chronista Mor, Fr. Francisco Brandaõ, (b) que me parece discordante. Na Casa dos nossos Reis tiveraõ sempre os *Alvins* os mais distintos Foros. Joaõ Lopes de Alvim o teve na Casa do Senhor Rei D. Manoel, (c) e Francisco Lopes de Alvim na do Senhor Rei D. Joaõ III. (d) Pelo que toca ás Casas, omittindo aqui a dos *Vieiras Alvins* de Guimaraens, que será declarada, quando tractarmos do appellido *Vieira*; lembrarei duas, a saber a dos *Alvins* de Vianna, Senhores da *Casa da Carreira*, unida com a dos *Correas* de Sinde, e a dos *Alvins Soufas* de Ourem; pois ambas usaõ do dito appellido.

A CASA dos ALVINS CORREAS de Vianna he possuida por José Correa de Mello e Alvim, Moço Fidalgo da Casa de Sua Magestade, Senhor do Morgado dos *Alpoens* de Coimbra, do de Sinde na Beira, e do da Carreira em Vianna, filho de Lourenço Correa de Brito da Silveira, Moço Fidalgo da mesma Real Casa, Senhor dos ditos Morgados, e de sua mulher, D. Teresa Clara de Mello, filha, que veio a ser herdeira, de Bernardo de Mello Alvim Pinto, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, Senhor da Casa da Carreira, e de sua mulher, D. Clara Maria de Castro e Villhena, filha de Antonio de Faria Macha-

(a) Corogr. Port tom. 1, pag. 347.

(b) Mon. Lusit. tom. 6, pag. 110.

(c) Prov. da Hist. Genealog. tom. 2, pag. 358.

(d) Id. pag. 829.

chado, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, e Senhor da Casa da Bagoeira: neto o dito José Correa de Mello e Alvim pela parte paterna de José Correa de Brito, Moço Fidalgo da Casa de Sua Magestade, e de sua mulher, D. Luiza Maria de Moura, filha herdeira de Antonio Castanheira de Moura, Fidalgo da Casa Real, Senhor do Morgado de Sinde, e Azere, Governador das Quatorze Villas, e Cavalleiro na Ordem de Christo. He casado José Correa de Mello e Alvim com D. Maria Ritta de Sousa e Napoles, filha de Joaquim José Leitaõ de Sousa, Moço Fidalgo da Casa de Sua Magestade, e de sua mulher, D. Maria Escolastica de Napoles e Menezes, filha de Luiz Xavier de Napoles, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, e de sua mulher e sobrinha, D. Francisca de Napoles e Macedo, filha de Francisco de Lemos e Napoles, Senhor do Morgado de Moure, Fidalgo da Casa Real. Esta Casa de *Alvins* procede de D. Isabel de Alvim, filha de D. Genebra de Alvim, que o era de Lopo de Sousa de Alvim, Senhor da Quinta de Carrezedo; a qual D. Isabel de Alvim casou com Joaõ de Mello, Alcaide Mor de Ervededo, e porisso a Casa da Carreira unio o appellido *Alvim* com o de *Mello*.

A CASA dos ALVINS SOUSAS de Ourem he possuida por Manoel de Sousa de Alvim da Fonseca e Mancellos, Moço Fidalgo da Casa de Sua Magestade, Capitãõ Mor da Villa de Abiul, filho de Joaõ de Sousa de Alvim, Moço Fidalgo da mesma Real Casa, e de sua mulher e prima, D. Clemencia Maria de Mancellos, filha de Pedro de Mancellos, Fidalgo da Casa de Sua Ma-

gestade, e de sua segunda mulher, D. Alexandra de Vasconcellos Coutinho, filha herdeira de Duarte de Vasconcellos, Capitão de Cavallos: neto o dito Manoel de Sousa de Alvim da Fonseca e Mancellos de Jorge de Sousa de Alvim, Moço Fidalgo da Casa de Sua Magestade, e de sua mulher, D. Luiza de Mancellos, filha de Diogo da Fonseca de Mancellos, Fidalgo da Casa Real. He casado o dito Manoel de Sousa Alvim com D. Barbara Margarida Henriques de Castro, filha de D. Joáo Henriques de Azevedo Mello e Castro, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, Senhor do Morgado da Roliça, e de sua mulher, D. Marianna Antonia de Mello e Vasconcellos, filha de Francisco Mexia de Magalhaens, Corregedor de Castello Branco, Cavalleiro da Ordem de Christo, e Procurador de Cortes pela Villa de Pombal, e de sua mulher, D. Agostinha Antonia de Mello, filha de Manoel Vaz Preto Monteiro, Alcaide Mor de Villa nova do Pinhal, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, e Secretario da Mesa da Conciencia na Repartição da Ordem de Santiago.

D. Hug. Dizei agora, o que ha sobre o appellido

44. ALVO.

Est. 2, *Lam.* Diz Villasboas, que os *Alvos* tem por armas em
Esc. 44. *campo azul hum Leaõ de oiro, e huma banda de vermelho, que*
atravessa o Leaõ e o escudo, e nella trez flores de Liz de
prata, e por tymbre o Leaõ com huma flor de Liz nas maons:
 e que procedem de Estevaõ Alvo, a quem foraõ dadas estas armas. Coelho censura a explicação de Villasboas, como opposta ás leis do Brazaõ, em querer, que a banda ver-
 me-

melha seja assentada sobre escudo azul, por ser cor sobre cor; e diz, que a banda hade ser posta sómente sobre o Leão, e que o solar desta Familia he o Lugar de *Alvo* no Algarve. O M. Purificação conforma-se com Villasboas na descripção do escudo, e dá sobre a Familia dos *Alvos* muitas noticias, que se achão authenticadas pela Historia. (a) *Estevan Alvo* (diz elle) *fuè natural de la Ciudad del Porto, mi patria, de gente noble y honrada; por su persona mereció grandes honras estando en Flandres en la Ciudad de Anvers en negocios de mucha cuenta, y de hacienda suya, y de partes, que se le encomendavan con mucho credito y confianza. Vino Martin Van Roxo, Capitan levantado poner cerco a la Ciudad para saquearla, la qual por estar despercebida se via en gran aprieto. Juntaron-se las naciones de varias partes, que ali venian a su negocio, y defendieron la Villa de Anvers mui valerosamente, y Estevan Alvo, siendo mancebo, ayudó bien a su nacion, y se señaló con tanto esfuerzo y valor, que teniendo noticia la Reyna Maria, Regente de aquellos Estados, le hizo mucha honra y le dió por armas un Leon rompiente en campo azul con una banda atravesada sangui-nea, con tres flores blancas en ella; dando a entender, que como Leon rompiente defendiera su estancia, que era sobre un Dique de la Ciudad. La banda de sangre, por salir mucho herido, las tres flores blancas por ornamento del escudo; y ciertamente que son mucho para estimar, pues las ganó tan honradamente; y la Reyna Maria escribió a El-Rey de Portugal, que lo tomó por criado, y le confirmó*

sus

(a) Blason. de Portug. Part. 2, cap. 1.

*sus armas, que oy trahen sus descendientes. Estos Alvos son antiguos por una memoria de Mendo Alvo, que puede ver-se de un libro de compras, que se halla en el archivo del Real Monasterio de Santa Crus de Coimbra del tiempo de San Theotonio y Don Tello año de 1131, la qual haze mencion de esta Familia. Y tambien en un libro de testamentos se halla otra escritura del año de 1162, presente El Rey D. Alonso Henriques con el Cabildo de la Iglesia Mayor de Coimbra, y los mayores Señores de la Corte, y entre ellos se halla una señal del sobredicho Mendo Alvo, y otra de Pedro Alvo, que seria hijo suyo; y finalmente ai otra memoria del año de 1169, que dize: Mendo Alvo Pretor de Coimbra. En la Ciudad del Porto residen oy los Alvos, que son Hijosdalgo, como Pantaleon Alvo, Cavallero del Habito de Christo, persona de las principales, y del Gobierno de aquella Ciudad, y de presente Simeon Alvo, Cavallero como su padre. Mostra-se por este testemunho do M. Purificação, que os Alvos são mais antigos neste Reino do que os faz Villasboas: nem eu sei, como este sabio Autor se animou a elcrever, que procediaõ de Estevaõ Alvo, achando-se nas nossas Historias muitos Alvos mais antigos, que o dito Estevaõ Alvo. Do Mendo Alvo, referido pelo M. Purificação, se lembra Brandaõ na *Monarchia Lusitana*, (a) citando a escritura do contracto, que se celebrou no anno de 1162 pelo Bispo de Coimbra e seu Cabido a favor do Convento de Santa Cruz com concurrencia de El-Rei D. Affonso Henriques, e de toda a sua Corte; na qual assignou, como testemunha, o dito Mendo Alvo, que se*

(a) Mon. Lusit. tom. 3, fol. 200, vers.

se nomêa *Economus de Coimbra*. Na doação, que fizeraõ os Templarios, e Concelho de Thomar da Albergaria de Ourem, que fora de Paio Romeu, a Pedro Garcia, a qual se acha lançada no *Livro dos Mestrados*, que cita a Monarchia Lusitana, (a) se mostra ser entãõ Pretor daquella Villa Pedro Alvo pelos annos de 1289, pois diz a doação assim: *Dominus Martinus Fromariguus qui erat tunc Commendator de Thomar una cum fratribus & ego Petrus Albus cum Concilio de Thomar &c.* e suppostoque Brandaõ duvide, que Pedro Alvo, mencionado na dita doação, e posto na cabeça da Camara ou Concelho de Thomar, fosse Alcaide Mor daquella Villa, como persuade o nome Pretor, por ser ella de Templarios, e fomenta o conceder na consideração de ser o dito Pedro Alvo Freire daquella Ordem; comtudo os exemplos, que o mesmo Chronista aponta de Martin Dade, que assignando-se Pretor de Santarem, ninguem até agora duvidou, que elle fosse Alcaide Mor da dita Villa, e o da Carta de ElRei D. Diniz, dirigida aos Alvasis de Lisboa, na qual se diz: *Et si hoc non fecerit, credat Prætor, quod perdet amorem meum & Alcaidariam*: mostraõ bem, que o titulo de Pretor era entãõ, o que se dava aos Alcaides Mores; e que Pedro Alvo ou o era no tempo de ElRei D. Diniz de Thomar, ou Corregedor, Justiça maior, ou Presidente do Concelho ou Camara daquella Villa. Depois pelos annos de 1385 na eleição, que se fez pelos Estados do Reino nas Cortes de Coimbra para Rei desta Monarchia do Sr. D. Joaõ I, até entãõ Mestre de Aviz, vemos, que eraõ Procuradores da Villa e

Caf-

(a) Mon, Lusit. tom. 5, pag. 232.

Castello de Celorico da Beira Joaõ Alvo, e Affonso Gonçalves, que assignaraõ o termo da eleição pela maneira seguinte: *Joannes Albus & Alfonsus Gonçalvi Procuratores Concilii Castri de Celorico da Beira.* E sendo os Procuradores de Cortes em todas as idades as pessoas mais condecoradas, e da governança das terras; bem se deixa ver, o quanto os *Alvos* desde o principio da Monarchia figuraraõ neste Reino, e que não he sem injustiça, que os querem fazer descendentes daquelle Estevaõ Alvo, que floreceo em tempo do Imperador Carlos V, e do sitio de Anvers por Van Rossen pelos annos de 1541; poisque o Mendo Alvo, que vivia em tempo de ElRei D. Affonso Henriques, e era Pretor, Mordomo, ou Administrador de Coimbra, Pedro Alvo, que no de ElRei D. Diniz era Alcaide Mor, Corregedor, ou Presidente de Thomar, e Joaõ Alvo, que no de ElRei D. Joaõ I era Procurador de Cortes por huma Villa deste Reino, como pessoa escolhida entre os da governança della, provaõ bem haver esta Familia de *Alvo* na nossa Monarchia antes do Reinado de ElRei D. Joaõ III, em que succedeo o caso de Anvers, e ser ella illustre, e empregada no governo da Republica. Eu vi hum Instrumento judicial, feito nas notas de Joaõ Velloso, Tabelliaõ publico da Cidade do Porto, por despacho do Doutor Luiz Mendes de Vasconcellos, Juiz de Fora da mesma Cidade, no anno de 1580, e pelos juramentos das testemunhas delle consta, que hum Estevaõ Alvo no anno de 1530 fora Vereador daquella Cidade, e era hum dos Fidalgos da governança della, Caval-

(a) Prov. da Hist. Genealog. tom. I, pag. 340.

valleiro de ElRei, e dos melhores da terra. Se em 1530 havia na segunda Cidade do Reino hum Estevaõ Alvo, que era Fidalgo da sua governança, naõ se póde com verdade affirmar, que de outro do seu mesmo nome, que dalli a onze annos se deo a conhecer em Flandres pelo seu valor, quando era ainda muito mancebo, procederaõ os *Alvos* deste Reino.

D. Hug. Podeis acrescentar, que das Historias de Espanha consta, que antes do sitio de Anvers por Van Roffen, e antes do Estevaõ Alvo, que no mesmo sitio adquirio as armas, que hoje usaõ os *Alvos* deste Reino, houve na Cidade do Porto hum Francisco Alvo, que acompanhou o grande Fernando de Magalhaens, seu compatriota, no descobrimento das Terras Austrais, sendo mais afortunado que elle; porque Magalhaens acabou tragicamente a vida na sua famosa, e immortal empreza, e Francisco Alvo voltou á patria, depois de entrar com seus companheiros em Sevilha no anno de 1521: o que até le-reis na *Historia Geral das Viagens* do Abbade Prevost, (a) referindo a lista dos aventureiros da expedição, que diz assim: *Voici leurs noms Martim de Magalhaens, Francisco Alvo &c. Ces heureux Navigateurs entrèrent dans Seville en Procession & furent reçûs avec de grands applaudissemens de la Cour & du peuple.* Se naõ tivessem existido os *Alvos*, que tendes relatado, em Portugal antes do successo de Anvers; este Francisco Alvo, que precedeo ao dito sitio mais de vinte annos, bastava, para acreditar a Familia, por ser elle hum dos intrepidos Argonautas, que deraõ volta ao mundo, ou o rodearaõ pelo mar,

Hh

ac-

(a) Hist. Gener. des Voyag. tom. 19. pag. 20.

acção mais illustre para adquirir, e dar nome, que a da defenfa de huma Praça.

Lam. Como a viagem de Magalhaens, e seus companheiros foi em desserviço da nossa Coroa, não mereceo tanta aceitação dos nossos Escritores, coma a defenfa de Anvers, devida unicamente a Estevaõ Alvo, e aos mais Portuguezes, que com elle se acharaõ: o que confessa o Bispo Sandoval, Historiador de Carlos V, que diz: (a) *Señalaron-se muchissimo en defenfa de la Ciudad, harto mas que los naturales, los valentissimos Portuguezes*: escrevendo á margem: *Los valientes Portuguezes defienden la Ciudad*. O caso foi, como ja sabereis, que o Duque de Gueldria se rebellou contra o Imperador Carlos V, e nomeou por seu Capitaõ General a Martim Van Rossen, hum dos experimentados Cabos militares daquella idade. Depois de algumas digressões marchou Rossen contra Anvers com doze mil Infantes e dois mil Cavallos, e, atacando o Principe de Orange em Brescoto, o derrotou, e poz em fuga de forte, que appareceo sobre os muros de Anvers, e lhe poz hum cerco regular. Os Consules da Cidade, Lancelloto Vrselo, e Nicolao Sehemero, imploraraõ o auxilio de Estevaõ Alvo, e mais Portuguezes, que com elle se achavaõ, e estes, tomando á sua conta a defenfa do Lugar e Dique de Kipdorpia, e da Porta Colorada, que eraõ os principais postos, que queria escalar Van Rossen (unido ja com o General Francez, Longavilla) obraraõ com tamanho valor, e sciencia militar, que jogando bem a sua artelharia contra o Campo de Willibordiano, e fazendo de-

(a) Sandoval, Hist. do Imper. Carlos V, tom. 2, liv. 15, §. 18.

depois huma fortida com hum reforço, que chegou da Provincia Waffiana, fizeraõ levantar o sitio, e livraraõ a Cidade do faque, a que o inimigo a tinha destinado: Acção, que a Rainha Maria, irmã do Imperador, e Governadora de Flandres, estimou tanto, que fez chamar á sua presença Estevaõ Alvo, louvou a sua valentia, e a sua pericia militar, deo-lhe as armas, que hoje trazem os *Alvos*, e o recõmendou por carta a ElRei de Portugal, que lhe deo moradia na sua Casa de Fidalgo Cavalleiro, ou Cavalleiro Fidalgo, como entaõ se appellidava este Foro, e se continuou a appellidar até o tempo d'ElRei D. Sebastiaõ, que fez mudança nelles. O certo he, que os *Alvos* do Porto se tem dado a conhecer muito pelas armas, e pelas letras. Faria (a) lembra, que hum Estevaõ Alvo passou á India no anno de 1584 na esquadra do Capitaõ Mór, Antonio de Mello e Castro, que conduzio o Arcebispo de Goa, D. Fr. Vicente da Fonseca; e diz, que era Capitaõ de huma nao. Gonçalo Alvo, Lente de Prima de Canones na Universidade de Coimbra, e Ministro em Lisboa de huma grande reputaçãõ, (b) fez grandes serviços a esta Coroa no tempo da feliz Acclamaçãõ de ElRei D. Joaõ IV, e contribuiu muito para o estabelecimento e lustre desta Familia, que levou o seu fangue a varias outras, como em differentes lugares veremos.

A CASA dos ALVOS do Porto he actualmente possuida por José Alvo Brandaõ Pereira Perestrello Godinho e

Hh 2

Aze-

(a) Faria, Asia Port. tom. 3, pag. 16.

(b) Bibl. Lusit. tom. 2, pag. 389.

Azevedo, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, e Capitão de Cavallos na Provincia de Traz os Montes, filho de Pantaleão Alvo Brandaõ Godinho, Fidalgo da mesma Casa, Senhor do Morgado dos Brandoens de Coreixas, e Padroado de Peruzelo, do dos Alvos Godinhos de Barqueiros, de que he cabeça a Capella da Trindade da Igreja daquella Villa, como se lê no *Diccionario Geographico*, (a) e do outro Morgado dos Perestrellos da Ermigeira, e de sua mulher, D. Maria Manoel de Azevedo, filha de Leonardo Lopes de Azevedo Pinheiro Pereira e Sá, Senhor da Casa e Couto de Azevedo, e dos de Mazarefes, Paradella, e Castro, Fidalgo da Casa Real, e de sua mulher, D. Margarida Isabel de Sousa, filha de Fadrique Lopes de Sousa, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, Senhor do Morgado de Bordonhos, e seus Padroados: neto o dito José Alvo Brandaõ Pereira Perestrello Godinho pela parte paterna de Simão Alvo Godinho, Senhor dos Morgados dos Alvos, e Godinhos, e de sua mulher, D. Isabel Maria Perestrello Brandaõ, filha herdeira de Miguel Brandaõ Pereira, Fidalgo da Casa Real, Senhor dos Morgados de Coreixas, Peruzelo, e Ermigeira, varonia dos Brandoens Contadores do Porto. He casado o dito José Alvo Brandaõ Pereira com D. Isabel Francisca de Sousa Cesar e Lancaestre, filha de Francisco Philippe de Sousa da Silva Alcoforado, de quem ja fizemos menção, (b) Moço Fidalgo da Casa de Sua Magestade, Senhor da de Villa Pouca em Guimaraens, e de sua mulher, D. Rosa Maria de

(a) Diccion. Geogr. tom. 2, pag. 53.

(b) Estrang. no Lima, tom. 1, pag. 421.

de Viterbo e Lancaſtre, filha de Diogo Corrêa de Sá, Viſconde de Aſſeca, Alcaide Mór do Rio de Janeiro, Commendador na Ordem de Chriſto &c. e de ſua mulher, D. Ignez de Lancaſtre, filha do Alferes Mór do Reino, Luiz Ceſar de Menezes, com ſucceſſão. E poſſue o dito Joſé Alvo Brandaõ a meſma Caſa por renuncia de ſeu irmão primogenito, Carlos Brandaõ Alvo de Azevedo, Fidalgo da Caſa de Sua Mageſtade, Sargento Mór de Infantaria no Primeiro Regimento do Porto, onde vive ſolteiro, occupado no ſerviço Real, a que fervorofamente ſe dedica.

D. Hug. Segue-ſe o appellido

45. AMADO.

Lam. Os *Amados*, ſegundo Villasboas, tem por armas ^{Est. 25} hum eſcudo eſquartelado, no primeiro em campo azul *Aguia* ^{Eſc. 45¹} de oiro eſtendida, armada de preto: no ſegundo huma banda de prata ſemeada de arminhos em campo verde, e aſſim os contrarios: por tymbre tem a *Aguia*: e diz o dito Villasboas, que ElRei D. Fernando deo as tais armas a Gonçalo Mendes Amado, poſtoque o appellido ja exiſtia no tempo do Conde D. Henrique. Coelho ſegue o meſmo parecer, e ſeguindo ao Chroniſta Mór, Fr. Bernardo de Brito, (a) diz, que procedem os *Amados* de Paio Amado, Cavalheiro principal da Corte do dito Conde D. Henrique, que era da geração de Egas Moniz, e do meſmo

(a) Chron. de Cifter, liv. 5, cap. 6.

mo tronco, de que procederaõ os *Almeidas*, o que tambem diz Faria. (a)

D. Hug. Quando tractamos dos *Almeidas*, propozestes algumas objecçoens, tomadas da *Monarchia Lusitana*, sobre a descendencia de *Paio Amado*. Brandaõ, posto que naõ duvidou, que os *Almeidas* descendessem d'elle, confessou, que naõ podia affiançar a opiniaõ de Brito por escrituras na fôrma do seu costume; o que merece alguma reflexaõ. Parece-me, que o P. D. Antonio Caetano de Sousa hesitou sobre esta materia; por quanto no *Agiologio Lusitano*, (b) tractando de Vigildo Pires, a quem muitos daõ o appellido de Almeida, que elle duvida tivesse, fente, que o tronco certo dos *Almeidas* foi Fernaõ Alvares de Almeida, Criado de ElRei D. Joaõ I, Veador da sua Casa, e Aio de seus filhos: o que de algum modo favorece a nossa preplexidade sobre a descendencia de Pelayo Amado. Eu vejo no *Catalogo dos moradores da Casa de ElRei D. Joaõ III* (c) com o foro de Moços da sua Camara a André Amado, e a Rodrigo Amado, que tinhaõ servido a Rainha, sua mulher; e constando, que ElRei D. Fernando, que morreo em 1383, deo as armas aos *Amados*, e que Fr. Vicente Amado foi Confessor e Testamenteiro de ElRei D. Pedro, que morreo no anno de 1367, tenho esta Familia por honrada, e muito antiga. Quizera porêm saber, se tem presentemente algumas Casas neste Reino. *Lam.*

(a) Faria, *Europ.* tom. 3, cap. 11, pag. 196.

(b) *Agiolog. Lusit.* tom. 4, pag. 212.

(c) *Prov. da Histor. Geneal.* tom. 6, pag. 587, 605.

Lam. Temos huma Casa, que usa de ambos os appellidos, *Amado*, e *Almeida*, e he

A CASA dos AMADOS de Trancofo, possuida por Francisco de Almeida Amado, sexto Morgado do Terrenho, filho de Isidoro de Almeida Sá e Menezes, Capitão Mór de Moreira, e quinto Senhor do dito Morgado, e de sua segunda mulher e prima, D. Rosa Maria de Vasconcellos, filha de Martim Coelho de Almeida, Cavalleiro na Ordem de Christo, e de sua mulher, D. Maria Luiza de Vasconcellos, filha de Manoel de Figueiredo do Loureiro: neto o dito Francisco de Almeida Amado pela parte paterna de Christovão de Almeida Amado Sá e Menezes, quarto Senhor do mesmo Morgado do Terrenho, e Capitão Mór de Moreira, e de sua mulher, D. Antonia Pinto da Fonseca, filha de Antonio Pinto da Fonseca. O qual Christovão de Almeida Amado era neto de outro Christovão de Almeida Amado, irmão do P. Antonio de Almeida, Missionario da China, onde morreo com grande opiniaõ de virtude, como se lê na Bibliotheca Lusitana; (a) e foi casado este Christovão de Almeida com D. Isabel de Sá e Menezes, filha de Manoel de Sá e Menezes, Alcaide Mór e Commendador de S. Maria de Trancofo; da qual deduziraõ seus descendentes os appellidos de *Sá de Menezes*, de que alguns fizeraõ uso, como ouvistes.

D. Hug. Dizei agora, o que ha sobre o appellido

(a) Bibl. Lusit. tom. 1, pag. 196. Pinel. Bibl. Or. tom. 1, col. 106.

46. AMARAL.

Est. 2,
Esc. 46. *Lam.* Villasboas dá aos *Amaraes* em campo de oiro seis *Luas* de azul postas em duas pallas, e por tymbre hum *Leaõ* de oiro com huma facha nas maons, e cauda azul; e diz, que o solar desta Familia he no Lugar de *Amaral*, Comarca de Viseo. Coelho censura o chamar Villasboas *Luas*, ao que na Arte do Brazaõ deve nomear-se *Crescente*, e tambem o dar cauda azul ao *Leaõ* do tymbre, querendo, que seja o animal todo da mesma cor, e que tenha nas maons huma alabarda com a hasta azul, e ferro da cor natural. Purificaçaõ adverte, que os *Crescentes* devem ter as pontas para baixo, e que o *Leaõ* do tymbre seja de purpura, e tenha a alabarda de hasta azul, como diz Coelho.

D. Hug. O Conde D. Pedro (a) ja fez mençaõ do appellido *Amaral*, quando tractou de Martim Affonso do Amaral, cuja filha, D. Margarida Martins, casou com Gonçalo Rodrigues Moreira, de quem foi segunda mulher; mas eu tenho visto outras armas de *Amaraes*, sem serem as que declarastes, e consistem em hum *Leaõ* coroado com huma espada na maõ.

Lam. Estas armas foraõ dadas a Pedro Rodrigues do Amaral, Commendatario do Convento de S. Pedro das Aguias, Conde Palatino, e Arcipreste de Almeida, pelo Imperador da Grecia André Paleologo por serviços, que elle tinha feito; e com ellas lhe deo Carta de Fidalguia para si, seus irmaons, filhos, e descendentes com preeminencias de Cavalleiros do Imperio de Constantinopla, como

(a) Nobil. do C. D. P. Tit. 62, pag. 347.

como declara o nosso Chronista Mór, Fr. Francisco Brandaõ, (a) e acrescenta este, que o Papa Alexandre confirmou a mercê, e depois tambem a confirmou o nosso Rei D. Manoel a instancia do mesmo Papa em 30 de Agosto de 1503: porêm as armas, que primeiro declarei, são as dos antigos *Amaraes*, e essas, que dizeis, particulares dos descendentes de Pedro Rodrigues, Commendatario das Aguias. Escriitores ha, que confundem *Amaraes* com *Amarellos*, ou escrevem ser tudo a mesma Familia; e julgaõ, que foi filho della D. Pedro Amarello, primeiro Prior de Guimaraens, de quem se lembra Estacio (b) e a Chronica dos Cruzios; (c) ao qual D. Pedro *Amarello* chama D. Pedro do *Amaral* o Autor da Aula Politica; e floreceo pelos annos de 1171. O certo he, que esta Familia tem dado á Igreja e ao Estado filhos muito benemeritos. D. Luiz do Amaral, Bispo de Viseo, e hum dos Embaixadores deste Reino ao Concilio de Basilêa, teve os predicados, que constaõ das nossas Historias, (d) sendo estimado do Imperador do Oriente, eleito anti-Cardial, e o seria verdadeiro, se naõ morresse antes da eleiçaõ de Nicolao V, como se lê no Anno Historico. (e) Pedro do Amaral, Francisco do Amaral, Gaspar do Amaral, e Miguel do Amaral distinguiraõ-se muito pelas suas letras, e pelas suas virtudes, como lemos na Bibliotheca Lusitana, (f)

(a) Monarch. Lusit. tom. 6, pag. 70.

(b) Estac. Antiquid. de Port. cap. 24, pag. 96.

(c) Chron. dos Coneg. Regr. liv. 7, pag. 21.

(d) Sever. Notic. de Port. Disc. 8, §. 9, pag. 257.

(e) Ann. Histor. tom. 1, pag. 246. Morer. Diction. tom. 1, verb. Amaral.

(f) Bibl. Lusit. tom. 2, pag. 103, e 331; tom. 3, pag. 462, e 557.

seguindo-os nestas ultimas a Madre Maria das Chagas, Religioza de Ferreira, da Familia, de que tractamos, cuja heroica vida escreve o Agiologio Lusitano. (a) ElRei D. Fernando fez Alcaide Mór de Almeida no anno de 1367 a Nuno Fernandes do Amaral. (b) Christovaõ do Amaral foi Moço Fidalgo da Casa de ElRei D. Manoel, (c) e hum dos notaveis Capitaens da India no Vice Reinado de D. Luiz de Ataide, como escreve Faria. (d) Luiz do Amaral, Bernardo do Amaral, e Manoel do Amaral serviraõ com grande fidelidade e acerto a Camara do Senhor D. Duarte, filho de ElRei D. Manoel: e no testamento, que fez este Principe, se acha a seguinte verba em abono desta Familia: *A Manoel de Amaral dezejei sempre fazer-lhe muita mercê, porque os deste appellido me serviraõ com muita continuação em toda a minha vida, e com grande amor.* (e) Belchior do Amaral, Desembargador do Paço, foi hum Ministro do talento, e luzes, que declara a Bibliotheca Lusitana, (f) e da fidelidade e verdade, que se prova das Excellencias de Portugal do illustre Macedo. (g) Finalmente o Ballio de Rhodes, Fr. André do Amaral, General das galés da Religiaõ Hospitalaria, obrou as militares proezas, que contaõ Joaõ de Barros,

(a)

(a) Agiolog. Lusit. tom. 3, pag. 491.

(b) Monarch. Lusit. tom. 8, pag. 48.

(c) Prov. da Hist. Genealog. tom. 2, pag. 382.

(d) Far. Af. Port. tom. 2, pag. 473, e 509.

(e) Prov. da Hist. Gen. tom. 2, pag. 626.

(f) Bibl. Lusit. tom. 1, pag. 485.

(g) Maced. Flor. de Españ. cap. 12, Exc. 3, pag. 153.

(a) e Manoel de Faria, (b) destruindo com quatro galés, e seis navios huma armada Turca de 20 navios com 800 Mamelucos, acção que mereceo huma preciosa tapeçaria, em que se pintou, e descreveo tam glorioso combate.

D. Hug. Esse André do Amaral creio eu ser aquelle mesmo, cujo funesto acabamento declara o Diccionario de Moreri; e he para sentir, que não fizesse melhor uso do seu valor.

Lam. Se não tivessemos promettido fallar com respeito nos Thronos, e Governos, seria facil mostrar-vos, que no tragico fim desse Ballio teve muita parte o artificio, e a politica. Veneza deo muitas provas do ciume, que lhe causavaõ as Conquistas dos Portuguezes na India; e André do Amaral, postoque Cavalleiro da Religiaõ do Hospital, mostrou, que era Portuguez fiel, e que se esmerava em fecundar as altas ideas do grande Rei D. Manoel. Hum nosso Autor vizinho da idade, em que floreceo o Ballio Amaral, escrevendo as Coplas da Nobreza, disse:

Quem fez em Rhodes proezas

(Posto que foi degolado

Falsamente) por louvado

De suas raras grandezas,

Foi deste sangue gerado.

D. Hug. Dai noticia das Casas dos *Amaraes*, que ha no Reino.

(a) Barros, tom. 3, part. 1, pag. 29, e 30.

(b) Far. Af. Port. tom. 1, part. 2, cap. 2, pag. 110.

Lam. De algumas dellas se fará menção, quando tractarmos dos appellidos, *Freitas*, *Velho &c.*, e agora lembrarei os *Amaraes Castellosbrancos* de Guimaraens, *Amaraes Osorios* de Almeidinha, *Amaraes Paes* de Mangoalde, e *Amaraes Sarmentos* de Vinhaes.

A CASA dos AMARAES CASTELLOSBRANCOS de Guimaraens, fundada, e o seu Morgado por Bernardo do Amaral Castellobranco, Fidalgo da Casa do Senhor D. Duarte, como se lê na Corographia Portugueza, he possuida por José Antonio do Amaral, filho de D. Jeronimo de Noronha do Amaral Castellobranco, e neto de D. Antonio do Amaral Castellobranco, Cavalleiro na Ordem de Christo, e de sua mulher, D. Francisca de Sousa de Miranda, filha herdeira de Jeronimo de Azevedo de Miranda: e he casado o dito Bernardo do Amaral Castellobranco com D. Luiza Tereza Bernardes de Carvalho Figueiredo, filha de José Bernardo Branco de Carvalho, Cavalleiro na Ordem de Christo, Senhor da Quinta do Rebolo, e de sua mulher, D. Anna Maria Bernarda de Figueiredo, filha de Joaõ Ribeiro Bernardes, da Quinta de Pombal na Freguezia de Prazins, e de sua mulher, Josefa Maria de Figueiredo, da Quinta do Assento na Freguezia do Salvador de Joanne.

A CASA dos AMARAES OSORIOS he possuida por Simaõ do Amaral Osorio, Morgado de Almeidinha, Lugar da Provincia da Beira, pertencente á Freguezia de S. Juliaõ da Villa de Mangoalde; Termo de Azurara, Comarca de Viseo, filho de Manoel Osorio do Amaral,

Se-

Senhor do dito Morgado, e de sua mulher, D. Anna Isabel Sarmiento de Vasconcellos, filha de José Sarmiento de Vasconcellos, Fidalgo da Casa Real, Cavalleiro na Ordem de Christo, e Capitão Mór da Villa de Moimenta, e de sua mulher, D. Maria Josefa de Carvalho e Castro, filha de João de Andrade de Carvalho, Cavalleiro na Ordem de Christo, e Capitão Mór da mesma Villa de Moimenta; neto o dito Simão do Amaral Osorio pela parte paterna de Simão do Amaral Osorio, Morgado de Almeidinha, e de sua mulher, D. Filippa Osorio Cabral de Castro, filha de João de Barros de Brito. A nobreza desta Casa foi contemplada pelo Senhor Rei D. José I no Alvará de 26 de Maio de 1774.

A CASA dos AMARAES PAES de Mangoalde no dito Concelho de Azurara da Beira he possuida por Miguel Paes do Amaral, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, e Senhor da de Mangoalde, filho de Miguel Paes do Amaral, Fidalgo da mesma Real Casa, Cavalleiro na Ordem de Christo, Mestre de Campo de Auxiliares na Comarca de Viseo, e Senhor da mesma Casa de Mangoalde, e de sua mulher e prima, D. Maria Archangela do Amaral, filha herdeira de Diogo Marques Ferraõ de Castellobranco, e de sua mulher e prima, D. Juliana Cardoso do Amaral, filha herdeira de Antonio Marques Pimentel: neto o dito Miguel Paes do Amaral pela parte paterna de Simão Paes do Amaral, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, e Senhor da de Mangoalde, Capitão Mór de Azurara, e Governador da Comarca de Viseo na guerra da Liga, e de sua mulher, D. Leonarda Maria de Castellobranco e Albuquerque;

que, filha de Manoel Vilhegas Cardoto, Senhor do Morgado dos Coutos; e foi casado Miguel Paes do Amaral com D. Joaquina Lourenço de Sá e Menezes, filha de Manoel de Sá Pereira, Fidalgo da Casa Real, Mestre de Campo de Auxiliares da Comarca de Coimbra, e de sua mulher, D. Marianna Placida de Menezes, filha de D. Francisco Furtado de Mendonça e Menezes, Senhor das Casas de Argemil e Freiria, de que tractamos, quando da Freguezia de Santa Marinha de Arcuzêlo. (a)

A CASA dos AMARAES SARMENTOS de Vinhaes na Provincia de Traz os Montes he possuida por Antonio Manoel do Amaral Sarmento, filho de Antonio do Amaral Sarmento, Juiz da Alfandega da Villa do Vimioso, e de sua mulher, D. Joanna de Figueiredo, filha de Joaõ Gomes Mena, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, e Capitaõ de Infantaria em Bragança, e de sua mulher, D. Emerenciana de Loureiro, filha de Antonio Loureiro da Melquita: neto o dito Antonio Manoel do Amaral Sarmento pela parte paterna de Manoel do Amaral Sarmento, Cavalleiro na Ordem de Christo, e Juiz da Alfandega de Vimioso, e de sua mulher, D. Catharina de Queiroz e Eça, filha de Joaõ de Queiroz e Eça, Sargento Mór da Comarca de Miranda, e de sua mulher, D. Maria de Moraes Sarmento, filha de Francisco Gomes Sarmento, Cavalleiro da Ordem de Christo, e Capitaõ Mór da Guarda.

D. Hug. Segue-se no mappa o appellido

(a) Estrang. no Lim. tom. 1, pag. 229.

47. AMORIM.

Lam. Os de *Amorim* diz Villasboas, que trazem a sua Est. 2, origem de Galliza, e que tem por armas em campo ver- Esc. 47. melho cinco cabeças de Mouros em aspa, com toucas de prata, barbas de oiro, rostos encarnados. Coelho, e Purificação declaraõ, que sejaõ as cinco cabeças de Mouros toucadas de prata, e cortadas em sangue, e que o tymbre ha de ser hum braço armado com huma cabeça das armas pendente na mão pelos cabelos, segundo Coelho, ou huma cabeça das armas, como sente Purificação, e se acha na estampa: e dizem mais estes dois Autores, que saõ os *Amorins* de Ponte de Lima, e que o seu Solar era junto a Caminha huma Torre antiga, de que foi Senhor D. Hilario de Amorim, da qual ainda havia vestigios.

D. Hug. Em Galliza ha a Fortaleza de *Amorim*, que he a Freguezia de S. Joaõ de Amorim no Arciprestado de Teba, Bispado de Tuy, notavel pelo Lugar do Carregal, aonde o Cabido de Tuy hia em Procissão nas Laidainhas de Maio, e fica huma legoa distante da mesma Cidade; porêm reparo, que nem Gandara no Nobiliario de Galliza, nem D. Mauro Castella Ferrer, que escreveo tanto das Antiguidades daquelle Reino, se lembrassem de huma Familia, que Villasboas diz ser originaria delle.

Lam. O nosso Carvalho (a) quer, que os *Amorins*, a que chama *Morins*, tivessem o seu Solar junto da Serra de Arga, entre as Aldeas de Portocarreiro, e a Capella de N. Senhora dos Arcos, na Freguezia de Saõ Pedro de

(a) Carvalh. Corograph. Port. tom. 1, pag. 206.

de Arcos (pouco distante desta de Santa Marinha) da qual havemos de tractar ; e diz , que allí se achava a Torre de *Morim* , que os Senhores da Casa da Lage compraraõ ha poucos annos , e para lá a transferiraõ.

D. Hug. Creio , que sabeis haver em França e em Inglaterra Familias de *Morin* , e *Morins*. Em Inglaterra se deo a conhecer muito pelos annos de 1120 Roberto Morins , bem famoso na Europa pela sua Chronica ; e em França deo o appellido *Morin* (cujas armas descreve Mr. de Combles) (*a*) homens de talentos raros , cujos nomes e caracter podereis ler no Diccionario de Moreri. (*b*) Talvez que a noticia de huns e outros *Morins* tentasse a alguns dos vossos Escriitores para converterem o *Amorim* , em *Morim*.

Lam. No tempo dos nossos Reis D. Manoel , e D. Joaõ III acho Cavalleiros de huma e outra maneira nomeados. No testamento do Senhor D. Duarte , filho do mesmo Rei D. Manoel , lemos huma verba , (*c*) que diz : *A Francisco de Morim dous mil Reis* : e no Rol dos Cavalleiros , que serviraõ o Paço do dito Rei D. Joaõ III , vemos a Nuno de *Amorim* : (*d*) pelo que se mostra serem *Amorins* , e *Morins* a mesma Familia. O certo he ter ella dado sujeitos muito benemeritos , e dignos da nossa lembrança , como foraõ , por exemplo , D. Fr. Gonçalo de Amorim , Bispo de Herapolis , Coadjutor do Arcebispo

(*a*) Combl. Trait. des Devis. Heraldicq. p. 229.

(*b*) Morer. Dict. verb. *Morin*.

(*c*) Prov. da Hist. Geneal. tom. 2 , pag. 611.

(*d*) Id. tom. 2 , pag. 819.

po de Braga, D. Diogo de Sousa; e Fr. Gaspar de Amorim, Graciano, Prior de Goa, Vigario Geral da sua Congregação, Deputado do Santo Officio, e Fundador do Seminario de S. Guilherme, cujo caracter, e talentos declara a Bibliotheca Lusitana: (a) os quais pelo estado Ecclesiastico se distinguirão muito. Pelo Secular basta, que lembre a honrada conducta, e provado valor de Lourenço de Amorim Pereira, Fidalgo da Casa Real, Governador de Monção, e Commendador de Santa Maria de Airaens na Ordem de Christo, bem nomeado no Portugal Restaurado, e de quem Carvalho, (b) fallando na Comenda de Airaens, diz „ Deo-se nestas ultimas guerras a „ Lourenço de Morim Pereira pelo muito, que dilatou „ a entrega da Praça de Monção, que governava na- „ quelle tão bem defendido e apertado sitio, que os „ Gallegos pozeraõ, e a logra hoje seu filho, D. Antonio de Morim Pereira, Fidalgo da Casa de Sua Magestade. „ Deste D. Antonio de Amorim Pereira descenderaõ muitas Casas illustres desta Provincia por femea, e por varaõ duas, a saber a primogenita acabada em seu neto D. Lourenço de Amorim Pereira, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, e Commendador de Santa Maria de Airaens, cuja filha herdeira, D. Clara de Amorim Pereira, casou com Sebastião Correa de Sá, filho do terceiro Visconde de Assica, Diogo Correa de Sá, de quem tractaremos chegando ao appellido *Correa*, e outra Casa, que veio de segundo ramo, mas conserva a varonia, que he

Kk

a

(a) Bibl. Lusit. tom. 2, pag. 332.

(b) Corogr. Portug. tom. 1, pag. 323.

a dos Morgados de Villar de Mouros junto á Villa de Caminha.

D. Hug. Villar de Mouros he terra notavel pela sua antiguidade. A vossa Rainha D. Teresa, Mãi do primeiro Rei deste Reino, deo a Freguezia de S. Eulalia de Villar de Mouros, junto a Caminha, com o seu Couto á Igreja de Tuy no anno de 1125, como consta da doação citada por Flores, (a) que diz: *Ecclesia S. Eulaiæ de Villar de Mauris cum suo Cauto in ripa Minei*: e bem pode ser, que o nome de Mouros originasse as cabeças, que trazem os *Amorins* nos escudos.

Lam. Carvalho (b) diz, que havia em Villar de Mouros huma antiga Torre, de cuja fundação se ignorava a causa, mas que era voz constante na Freguezia, que nella habitaraõ Mouros, e que o Senhor, ou Capitaõ delles vivia na dita Torre; porém a Casa de Villar de Mouros não veio por *Amorins*, mas por *Gamas Andradas*, Senhores daquelle Morgado, dos quais por casamento he que passou aos *Amorins*.

D. Hug. Quem possúe actualmente essa Casa?

Lam. A CASA dos AMORINS de Caminha, estabelecida na Cidade do Porto, he possuida por D. Antonio de Amorim da Gama Lobo, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, Mestre de Campo de Auxiliares na Comarca da dita Cidade do Porto, e Senhor do Morgado de Villar de Mouros, filho de D. Lourenço de Amorim da Gama

(a) Flor. Esp. Sagrad. tom. 22, pag. 556. ;

(b) Carv. Corogr. tom. 1, pag. 281.

ma Lobo, Fidalgo da mesma Real Casa, e tambem Mestre de Campo de Auxiliares, e Senhor do dito Morgado, e de sua mulher, D. Maria Violante de Amorim, filha herdeira de Joaõ Antunes Guimaraens, Cavalleiro na Ordem de Christo, e Cidadão do Porto, e de sua mulher, D. Isabel Ribeiro da Cruz, filha de Domingos Francisco, natural da Villa de Guimaraens; neto o dito D. Antonio de Amorim da Gama Lobo de D. Antonio Mauricio de Sousa e Amorim, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, e de sua mulher, D. Joanna da Gama e Andrada, filha herdeira de Lourenço da Gama e Andrada, Cavalleiro na Ordem de Christo, e Senhor da Casa de Villar de Mouros: e era D. Antonio Mauricio filho segundo de D. Antonio de Amorim Pereira, Fidalgo da Casa Real, Commendador de Airaens, nomeado pelo Autor da Corographia Portugueza. De outras Casas com o appellido *Amorim* tractaremos, quando dos *Bacelares*, *Mari-nhos*, *Passos*, &c.



DIALOGO VI.

NOBILIARCHIA PORTUGUEZA

ILLUSTRADA.

TERCEIRA PARTE.

D. Hug. **S**Egue-se o appellido

48. ANDRADA.

Est. 2, Lam. Aos *Andradas* assigna Villasboas por armas em
Esc. 48. campo verde huma banda vermelha, acoticada de oiro, com
duas cabeças de Serpes, e por tymbre dois pescoços de Ser-
pes de oiro retrocidos batalhantes, e adverte, que alguns
poem por orla em campo de prata *Ave Maria* de letras
negras em memoria do feito, que obraraõ certos Caval-
leiros deste appellido, tomando aos Mouros hum estan-
darte, que ganharaõ aos Templarios, no qual hia *Ave*
Maria. Diz mais, que os descendentes de Fernaõ Alva-
res de Andrada trazem em campo de oiro huma banda
vermelha, que sahe das bocas de duas Serpes de prata,
picadas de verde, entre duas caldeiras, esquarteladas de
prata e vermelho, com cintas, e azas de oiro, e em ca-
da remate das azas sua cabeça de Serpe, e por tymbre
o mesmo, que ja declarei: e diz emfim, que procedem os

An-

Andradas de hum dos cinco Cavalleiros, que passaraõ a Espanha com o Conde D. Mendo para a guerra dos Mouros, e que o seu Solar he a Villa de Andrada no Reino de Galiza, donde passou a este Reino de Portugal D. Nuno Freire de Andrada, Mestre da Ordem de Christo, de quem procedem os *Andradas* Portuguezes.

D. Hug. Naõ ha duvida, que os nossos Genealogicos affirmaõ, (a) que a Villa de *Andrada*, Puentes dume, Ferrol, e Vilalva em Galiza he o Solar da Familia de *Andrada*, a qual ja era conhecida no anno de 1190, pois que entaõ vivia Rui Pires de Andrada, Cavalleiro, e Treze da Ordem de Santiago, de que ha memoria fidedigna daquelle anno. He tambem certo, que o sangue della ennobrece muitas Casas Titulares da nossa Monarchia; porque a D. Fernando de Andrada pelo vencimento da batalha de Seminara em Italia foi dado o Titulo de Conde de Vilalva, que passou a seus descendentes, e a grande Casa de Altamira se lisongea muito do sangue, que tem de D. Teresa de Andrada, mulher de D. Rodrigo de Moscoso, quarto Conde deste Titulo: e he, quanto basta, para inculcar as excellencias dos *Andradas* em Castella.

Lam. D. Luiz de Salazar (b) declara, que toda a Casa de *Andrada* de Portugal descende, como ja disse, de D. Nuno Freire de Andrada, Mestre da Ordem de Christo, e Aio de ElRei D. Joaõ I deste Reino, do qual foi filho Rui Freire de Andrada, Senhor das rendas de Palmella, e Arruda,

(a) Har. Nobil. tom. 2, pag. 135, 136.

(b) Salaz. Caf. de Sylv. tom. 2, pag. 410.

da, Mestre eleito da Ordem de Santiago. A este Rui Freire de Andrada deo o mesmo Rei D. Joaõ I o Reguengo de Algoz no Termo de Lisboa, (a) e foi elle, ou outro Rui de Andrada, sobrinho de D. Nuno, hum dos que concorreraõ pelo Braço da Nobreza na eleição do dito Rei, (b) tendo-lhe ElRei D. Fernando feito antes mercê das rendas da Ponte de Almeira, quando ja era Commendador da Redinha. (c) De sorte que desde entaõ até o presente sempre os deste appellido figuraraõ muito neste Reino, servindo a nossa Casa Real nos mais distintos Foros della; porque Fernaõ de Andrada, Moço Fidalgo da Casa de ElRei D. Affonso V em 1474, (d) foi tambem Fidalgo d'ElRei D. Joaõ II. (e) Nuno de Andrada, irmaõ de Bartholomeo de Andrada, foi Fidalgo da Casa de ElRei D. Joaõ III. (f) Nicolao de Andrada, sobrinho de Pedro de Andrada, teve nella o mesmo Foro. (g) Alvaro Peres de Andrada, Estevaõ Gago de Andrada, e Simaõ de Andrada foraõ Moços Fidalgos: (h) e nas guerras e conquista da India mostraraõ os desta Familia o mais distinto valor e zelo do Serviço da Coroa; pois que o dito Simaõ de Andrada nas Capitancias, que servio, de Chaul, e de Dabul, na fundação da Fortaleza de Tamou,

(a) Monarch. Lusit. tom. 8, pag. 593.

(b) Id. pag. 647.

(c) Id. pag. 236.

(d) Prov. da Hist. Genealog. tom. 2, pag. 45.

(e) Id. pag. 179.

(f) Id. pag. 803.

(g) Id. pag. 804.

(h) Id. pag. 836, 838, 843.

e na viagem da China obrou com os acertos, ostentaçaõ; e brio, que declara Joaõ de Barros nas suas Decadas; (a) e Fernaõ Peres de Andrada, intitulado por D. Luiz de Salazar hum dos mais assignalados Capitaens do Oriente, (b) fez as brilhantes acçoens, que declara o mesmo Barros, (c) concorrendo com notavel valor na conquista de Malaca, onde foi Capitaõ Mor do mar; pondo em vergonhosa fugida Lacemena, e Pate Quitir; queimando a povoação deste ultimo appellido, e tomando a sua fortaleza; e dando finalmente a Pate Vnus a gloriosa batalha, que contaõ as nossas Historias. Até teve o appellido de *Andrada* a prerogativa, de que o P. Antonio de Andrada fosse o descobridor do Tibet, e Gram Catayo. *En 1624* (diz o Abbade Prevost) (d) *Antoine de Andrada, Jesuite Portugais, entreprit le voyage par celle du Nord, & penetrà heureusement jusqu' a la Chine.* Bem he verdade, que Benthink fez algumas reflexoens, que diminuirãõ o credito da sua Viagem, e Relaçãõ. O certo he, que o illustre e antiquissimo appellido de *Andrada* tem dado homens raros nas letras Sagradas, e profanas. Francisco de Andrada, Chronista Mor do Reino, e seus irmaõs, Diogo de Piva de Andrada, Theologo do nosso Rei D. Sebastiaõ ao Concilio de Trento, e Fr. Thomé de Jesus, Autor da excellente obra, *Trabalhos de Jesus*, vertida em quasi todas as Lingoas, faraõ sempre gloria á Historia Litteraria

(a) Barr. tom. 3, part. 2, pag. 2, 16, 109, 111, &c.

(b) Salaz. Caf. de Sylv. tom. 2, pag. 323.

(c) Barr. Decad. tom. 2, part. 2, pag. 123, e varios outros lug.

(d) Hist. Gener. des Voyag. tom. 9, liv. 4, cap. 7.

ria de Portugal, assim como tambem o Arcebispo de Otranto, Diogo Lopes de Andrada.

D. Hug. Como havemos de tractar do appellido Freire, e os *Freires de Andrada* occupaõ hum decoroso lugar na Historia Genealogica; será justo, que digamos entaõ alguma coisa mais dos *Andradas*, cujas actuais Casas neste Reino espero que me declareis.

Lam. A maior parte dellas devem ser referidas, quando tractarmos dos appellidos *Correa, Cunha, Faria, Freire, Pinto, e Nogueira*; porêm sempre agora nomearei

A CASA dos ANDRADAS FREIRES de Leomil, hoje de Braga, que possue Antonio Matheus de Andrada Freire Azevedo Bandeira, filho de Henrique Carlos de Andrada Freire, Fidalgo da Casa Real, e de sua mulher, D. Jeronima Dionizia de Magalhaens, filha de Luiz de Magalhaens da Cidade do Porto; neto pela parte paterna o dito Antonio Matheus de Andrada de José Freire de Andrada, Fidalgo da Casa Real, e morador em Leomil, e de sua mulher, D. Thomazia Maria Bandeira, filha de Antonio Bandeira Pereira, Fidalgo da mesma Real Casa, e Cavalleiro na Ordem de Christo, morador em Besteiros, que era filho do Tenente de Mestre de Campo General, Luiz Bandeira Pereira, de quem em outro lugar tractaremos.

D. Hug. Vamos ao appellido

49. ANHAYA.

Lam. Diz Villasboas, que os *Anhaya*s tem por armas

Est. 2,
Esc. 49'

sin-

sinco barras azuis atravez em campo de oiro, e que procedem de Pedro de Anhaya, Fidalgo Castelhana, que se passou a este Reino em tempo de ElRei D. Affonso V, por seguir as partes da Princeza D. Joanna contra os Reis Catholicos. Coelho, reformando a Villasboas, diz, que devem ser *sinco Coticas*, e não *sinco Barras*, e que devem ser *vermelhas*, e não *azuis*; e dá por *tymbre* hum *pescoço e cabeça de Lobo da sua cor*. Purificação descreve o escudo, como vai na estampa, e sobre o dito Pedro de Anhaya diz, que o Arcebispo de Sevilha, D. Diogo de Anhaya, teve em D. Maria de Orofco, filha de Iñigo Lopes de Orofco (aquelle mesmo, a quem o Rei D. Pedro de Castella mandou matar em Naxera) a Joaõ Gomes de Anhaya, Pai de Diogo de Anhaya, do qual foram filhos Francisco de Anhaya, e Pedro de Anhaya, o que passou a este Reino na occasião referida por Villasboas.

D. Hug. Os *Anhayas* são de Salamanca, e das primeiras Familias daquella Cidade, principalmente depois que D. Diogo de Anhaya, Arcebispo de Sevilha, fundou alli o Insigne Collegio de S. Bartholomeo no anno de 1410, chamado agora *Collegio velho*, sendo que *no debe llamarse viejo, sino nuevo y mui nuevo*, pelas raridades, que encerra, como escreve o discreto Autor da Viagem de Espanha: (a) o qual Collegio para ser famoso, lhe basta o ter creado ao grande Tostado, Bispo de Avila, honra de toda a Espanha. Do dito Arcebispo foi irmão, ou sobrinho, e não filho (como diz Salazar de Castro) (b) Go-

L I

mes

(a) Viag. de Espan. tom. 12, pag. 185.

(b) Salaz. Caf. de Lar. tom. 2, pag. 426.

mes de Anhaya, Regedor de Salamanca, que casou com D. Aldonça Henriques; e delles houve a esclarecida descendencia, que refere o mesmo Salazar: o qual, tractando de Affonso Henriques, diz estas palavras: *Era Alonso Henriques Cavallero de illustre ascendencia, y de grande authoridad en Salamanca, donde la Familia de Añaya, de que era Chefe, es unz de las mas nobles y ancianas. Y la Casa, que representava, procede del Infante D. Henrique, hijo de S. Fernando.* De que bem se mostra a notoria nobreza dos *Anhayas* em Castella.

Lam. Em Portugal nada perdeu a Familia do seu nativo esplendor; porque o nosso Rei D. Affonso V tomou a Pedro de Anhaya por Fidalgo da sua Casa, e lhe deo as Cômendas de Galva, e das Entradas na Ordem de Santiago. Elle casou com D. Catharina do Carvalhal, filha de Joaõ Nunes do Carvalhal, Amo da Rainha D. Leonor, mulher de ElRei D. Joaõ II, e teve trez filhos, e duas filhas, que casaraõ neste Reino illustremente, a saber, D. Maria de Anhaya, huma dellas, com D. Joaõ de Lima, Monteiro Mor de ElRei D. Manoel, e D. Brianda de Anhaya, que foi a outra, com Fernaõ de Alcaçova, Escrivaõ da Fazenda, e Procurador dos Contos do Reino. Dos filhos o primeiro, Francisco de Anhaya, casou com D. Maria de Menezes, filha de D. Pedro de Menezes, o Gallo; o segundo, Manoel de Anhaya, casou com huma filha de Jorge de Mello, o Lagio, e o terceiro, Diogo de Anhaya, que foi Commendador de Galva, casou primeiramente com D. Brites Pereira, filha de Jorge Moniz, Guarda Mor de ElRei D. Manoel, e depois com D. Maria da Silva, viuva de D. Jorge de Castro, irmaõ de

de D. Pedro de Castro, Conde de Monsanto. Destas allianças procederaõ pessoas recõmendaveis pela nossa Historia. Manoel de Anhaya foi Fidalgo da Casa de ElRei D. Manoel com a moradia de 3400 por mez; (a) seu filho, Manoel de Anhaya, foi Fidalgo da Casa do Infante D. Luiz, filho do mesmo Rei; (b) Joaõ Gomes de Anhaya foi Fidalgo da Casa do mesmo Infante; (c) e Sebastiaõ de Anhaya, seguindo as partes do Senhor D. Antonio, Prior do Crato, mostrou notavel amor aos Principes Portuguezes. (d) Este amor foi reconhecido, e galardoado pelos mesmos Principes, encarregando os *Anhayas* de muitas commissoens importantes, que elles desempenharaõ com valor. O primeiro Pedro de Anhaya fez o Castello de Sofala por mandado de ElRei D. Manoel, e o defendeo com o successo, que referem os nossos Historiadores: (e) Miguel de Anhaya foi hum dos Capitaens da armada, com que o Governador da India, D. Estevaõ da Gama, foi esperar ao Estreito de Meca a dos Rumes: (f) Joaõ Gomes, filho de Sebastiaõ de Anhaya, foi hum dos Fidalgos, que acompanharaõ Francisco Barreto na conquista de Monomotapa: (g) e Francisco de Anhaya foi Capitaõ da armada, que em 1525 partio deste Reino para a India, com-

L 1 2

man-

(a) Prov. da Hist. Genealog. tom. 2., pag. 354.

(b) Prov. cit. pag. 512.

(c) Prov. cit. pag. 515.

(d) Prov. cit. pag. 556.

(e) Far. Af. Port. tom. 1, pag. 89.

(f) Far. Af. tom. 2, pag. 30.

(g) Far. loc. cit. pag. 598.

mandada por D. Lopo de Almeida. (a) O que porêm realçará em todos os seculos a Familia dos *Anhayas* em Portugal foi a intrepida, e destemida acção de Diogo de Anhaya Coutinho, natural de Santarem, no cerco de Dio, referida por Diogo do Couto, (b) e admirada por Macedo, (c) que consistio em que, sendo preciso tomar-se lingua do inimigo, se precipitou o dito Diogo de Anhaya por huma corda do muro abaixo com a sua espada, huma lança, e hum capacete emprestado, e encontrando dois Mouros (que podiaõ ser soccorridos do exercito, que sitiava a Praça, ao menor ruido) os accõmetteo a ambos, e matando a hum, levou o outro á porta da Fortaleza, sem lhe valer o pernear, morder, e bracejar, e o metteo dentro com admiração de todos; mas a tempo que appresentando o cativo Mouro ao Governador, D. Joaõ Mascarenhas, advertio, que deixara no campo o capacete emprestado, e querendo dar conta delle a seu dono, temendo lhe negassem licença para a segunda sahida, a fez em segredo, descendo outra vez pela mesma corda, buscando o capacete no campo (posto ja em movimento) e encontrando-o, subio outra vez q muro pela mesma maneira, e entregou o capacete a quem pertencia, acção na verdade heroica e admiravel.

D. Hug. Segue-se

50.

(a) Far. loc. cit. tom. 3, pag. 537.

(b) Cout. Decad. 6, liv. 1, cap. 9.

(c) Maced. Flor. de Esp. pag. 152, e 217.

50. ANTAS.

Lam. Villasboas diz, que os de *Antas* tem por armas ^{Est. 2;} em campo vermelho seis lisonjas de prata em cruz, as ^{Esc. 50.} quatro em palla, tymbre humã *Anta* da sua cor, e que procedem de Mem Affonso de Antas, que foi Senhor do Vi-mieiro, sendo o Solar da Familia o Lugar de *Antas* no Concelho de Coura. Coelho e Purificaçãõ admittem o escudo relatado por Villasboas, e o primeiro se conforma no sitio do Solar; porem o segundo inclina-se, a que seja o Lugar de *Anta* na terra da Feira, por haver antigamente nella muita Nobreza. Carvalho, (a) tractando da Freguezia de S. Pedro de Ruviaens no dito Concelho de Coura, diz,, Aqui está a Aldêa de *Antas*, que foi Vil-,,
,, la, e tem humas Casas dos que della foraõ Senhores : ,,
,, he Solar dos *Antas*, e a possuem Cavalleiros da Fami-,,
,, lia. ,,

D. Hug. Naõ he para desprezar a opiniaõ do M. Purificaçãõ, em quanto ajuiza, que o Solar dos de *Anta* he na Terra da Feira; porque o Conde D. Pedro no seu Nobiliario, (b) tractando de Pedro Fernandes do Valle, diz, que foi casado com D. Maria Peres, filha de Pedro Esteves *Danta*, da Terra de Santa Maria; o que faz crivel serem dalli naturais os deste appellido. O certo he, que Fernãõ *Dantes*, Alcaide Mor de Mertola, e Mestre de Santiago em Castella, e Vasco *Dantes*, seu irmaõ, seguirãõ as partes da Rainha D. Beatriz contra o Mestre de
Aviz,

(a) Carv. Corogr. Port. tom. 1, pag. 263.

(b) Nobil. do Conde D. Pedro. Tit. 72.

Aviz, depois D. Joaõ I do nome entre os Reis deste Reino: (a) e dezejo saber, se nelle ha Casa do appellido de *Antas*.

Lam. A hum Fernaõ de *Antas*, sendo Commendador Mór da Ordem de Santiago, deo o mesmo Rei D. Joaõ I a herdade de Belmonte em Tavira no Reino do Algarve; (b) e ElRei D. Fernando, seu antecessor, confirmou a Vasco Martins de *Antas*, seu Escudeiro, a Quinta de Passos no anno de 1379: (c) o que prova a antiga Fidalguia dos deste appellido, pois que os Senhorios de terras, e Alcaidarias mores fomenta se davaõ nos tempos antigos ás pessoas da mais qualificada nobreza; e as nossas Historias mostraõ, que Mendo Affonso *Dantas* fora Senhor do Vimieiro, Fernaõ de *Antas* Alcaide Mór de Mertola, e Luiz de *Antas* Alcaide Mór do Landroal. Alem disso diz Coelho, que Estevaõ Rodrigues de *Antas* confirmou, como Rico-Homem, huma doação de ElRei D. Affonso IV, e que o mesmo Rei coutou a Alvaro Soares de *Antas* duas herdades, que tinha em Evora. Os Reis, que se seguiraõ, conservaraõ o esplendor dos *Antas*; porque ElRei D. Affonso V tomou a Diogo Gonçalves *Danta* por Fidalgo da Sua Casa, (d) onde tinha moradia no anno de 1462, e Antonio de *Antas* em 1469. (e) Talvez que *Anta*, e *Danta* fosse appellido diverso do de *An-*

(a) Fern. Lop. Chron. de ElRei D. Joaõ I, part. 1, pag. 316.

(b) Monarch. Lusit. tom. 8, pag. 523.

(c) Mon. L. tom. cit. pag. 347.

(d) Prov. da Hist. Genealog. tom. 2, pag. 27.

(e) Prov. cit. pag. 38.

Antas, vista a differença, com que em hum mesmo Catalogo se nomeaõ estes dois Fidalgos; e bem podia ser, que os de *Anta*, ou *Danta* fossem da terra de S. Maria, e os *Antas* de Coura; postoque o Marquez de Montebello nas Notas ao Nobiliario do Conde, (a) tractando de Pedro Esteves *Danta*, sogro de Pedro Fernandes do Valle, que ja lembastes, affirma, que descendia de Entre Douro e Minho, vendo muito bem, que o mesmo Conde o faz natural da Terra da Feira. O P. Sousa (b) tracta do casamento de Luiz de Antas, Alcaide Mór do Landroal, com D. Jeronima de Eça, Dama da Infanta D. Isabel. Nuno Alvares de Antas foi Fidalgo da Casa de ElRei D. Joaõ III, (c) e Joaõ Coelho de Antas da de ElRei D. Philippe II, quando governou este Reino. (d) Na armada, que delle se expedio para a India no anno de 1514, foi por Capitaõ de huma náõ Luiz de Antas: (e) o que tudo prova a nobreza deste appellido; ao qual he bastante a gloria de o ter dado a D. José Dantas Barbosa, Arcebispo de Lacedemonia, e Coadjutor do primeiro Patriarca de Lisboa, cujo merecimento, premiado pelo Pontifice Romano, e cujas obras, referidas pelos nossos Escritores, (e) daõ notavel honra ao mesmo appellido. Das Casas actuais delle lembrarei agora.

A

(a) Marq. de Montebel. Not. ao Nobil. pag. 606, ediç. de Madr.

(b) Sous. Hist. Genealog. tom. 11, pag. 779.

(c) Prov. da Hist. Genealog. tom. 2, pag. 779.

(d) Prov. cit. tom. 6, pag. 662.

(e) Faria, Asia Port. tom. 3, pag. 534.

(f) Bibl. Lusit. tom. 4, pag. 205.

A CASA dos ANTAS de Coura, possuida por Luiz Antonio da Cunha de Antas, filho de Placido da Cunha Antas e Azevedo, Senhor do Morgado de Romarigaens no Concelho de Coura, e Mestre de Campo de Auxiliares na Provincia do Minho, e de sua mulher, D. Joanna Angelica do Amaral Marinho, filha de Joaõ Marinho Ferraz; neto o dito Luiz Antonio da Cunha de Antas pela parte paterna de Luiz da Cunha de Antas, Senhor da Casa de Romarigaens, e de sua mulher, D. Joanna de Azevedo, filha de Simaõ de Villasboas e Azevedo: e procedem estes Antas do Doutor Gonçalo da Cunha de Antas, Abbade de Sam Paio.

D. Hug. Tractando dos *Abreus*, (a) lembastes a Casa dos *Antas* de Jozim.

Lam. O Paço de Jozim, de que faz menção a *Corographia Portugueza*, passou por casamento a outro appellido, como vereis, quando chegarmos, a elle.

51. ARAGAÕ.

Est. 2. *Lam.* Diz Villasboas, que os de *Aragão* tem por armas
Esc. 51. *quatro barras vermelhas em campo de oiro*, e que procedem de D. Pedro de Aragaõ, meio irmão da Rainha Santa Isabel, que viveo neste Reino; mas que nelle houve outros *Aragoens*, que vinhaõ de Martim de Aragaõ, o qual passou a Portugal com a Rainha D. Dulce, mulher de ElRei D. Sancho I. Coelho, seguindo ao Bispo de Malaca, diz, que procedem de Affonso de Aragaõ, filho bastardo do Rei D. Affonso, que chamaraõ o Bom, e dá por

tym-

(a) Estrang. no Lima, tom. 1, pag. 348.

tymbre ao Escudo *hum Leão de purpura*, que Villasboas lhe não deo. Purificação escreve, que o Rei de Aragaõ, D. Fernando o V, chamado o Catholico, teve hum filho por nome D. Affonso de Aragaõ, nascido em 1469, e que este teve outro filho, por nome D. Fernando, como o avô, e que delle he, que procedem grandes Casas.

D. Hug. O Conde D. Pedro no seu Nobiliario, (*a*) tractando dos Reis de Aragaõ, descendentes dos Condes de Barcelona, e chegando a D. Pedro (que foi o III do nome, chamado Grande) diz, que em D. Ignez Zapata teve a D. Pedro de Aragaõ, o qual passando a este Reino com a Rainha S. Isabel, mulher de ElRei D. Diniz, que era sua irmã, casara nelle com D. Constança Mendes Petite, da nobre Familia dos Silvas, com a descendencia, que nomêa D. Luiz de Salazar na Casa de Silva, e o mesmo Conde; postoque Moreri e outros Autores, assignando varios filhos illegitimos de ElRei D. Pedro, não fazem menção do que se diz passara a Portugal. (*b*)

Lam. Que fosse D. Pedro de Aragaõ filho do Rei de Aragaõ, D. Pedro III, e irmão da nossa Rainha, Santa Isabel, o declarou esta no testamento, que fez, e vereis lançado nas Provas da Historia Genealogica, (*c*) onde se acha a seguinte verba: *Mando a D. Pedro, meu irmão, e seu filho, qualquer delles que depois de minha morte ficar, mil libras.* O nosso Chronista Mór, Fr. Francisco Brandaõ, (*d*) declara, que do tal D. Pedro de Aragaõ,

Mm

e

(*a*) Nobil. do Conde D. Pedr. Tit. 7, pag. 25, ediç. de Madrid.

(*b*) Morer. Dicc. Hist. V. Aragaõ. Atl. Españ. tom. 2, pag. 48.

(*c*) Prov. da Histor. Genealog. tom. 1, pag. 116.

(*d*) Brand. Monarch. Lusit. tom. 5, pag. 426.

e de sua mulher, D. Constança Mendes Petite, entre outros nascera D. Affonso de Aragaõ, que casou com D. Maria Nunes Cogominho, filha de Nuno Fernandes Cogominho, Almirante do Reino, e que viviaõ Pai e filho no anno de 1314, em que a Rainha fez o testamento. Do dito D. Affonso de Aragaõ pela ordem dos tempos e regra dos patronimicos parece ser filho Rodrigo Affonso de Aragaõ, aquelle mesmo, a quem ElRei D. Joaõ I deo a renda dos Mouros em Tavira, e a de Gonçalo Rodrigues de Valladares em Faro; que foi hum dos seus eleitores pelo Reino do Algarve; e que o acompanhou na batalha de Aljubarrota, como lemos na Monarchia Lusitana. (a) E na verdade que huma geraçaõ derivada de hum taõ grande Rei, alliada neste Reino, logo que a elle passou, com as maiores Familias, e que tem sido progenitora de varoens muito esclarecidos, muito digna he da nossa recordaçãõ.

D. Hug. Naõ ha Casa Real na Europa, aonde naõ entrasse o sangue dos *Aragoens*, e as Titulares, que se ornaõ com taõ illustre appellido, saõ tantas, que causaria enfado, se as referisse. Basta dizer, que nas antiquissimas Casas dos Condes de Vrgel, Prades, Ampurias, Duques de Athenas, Condes de Provença, Duques de Segorbe, e nas mais modernas, postoque illustrissimas, dos Duques, de Montalto, Villahermosa, Peñaranda, Arcos, Principes de Esquilace, e muitas outras entrou o sangue, e appellido dos *Aragoens*, cujas Casas em Portugal pertendo saber.

Lam.

(a) Monarch. Lusit. tom. 8, pag. 594, 616. 621, 749.

Lam. Os nossos Reis, lembrados talvez da sua nobre origem, sempre honraraõ os *Aragoens* em Portugal. El-Rei D. Affonso V tomou por Fidalgo da sua Casa a Joaõ de Aragaõ, do Algarve: (a) El-Rei D. Manoel a Estevaõ Soares de Aragaõ: (b) El-Rei D. Joaõ III a Manoel de Aragaõ: (c) servindo os deste appellido o Reino com notavel valor, como, por exemplo, Lifuarte de Aragaõ, que foi famoso Capitaõ na India, e varios outros. Das Casas, que tem este appellido lembrarei

A CASA dos ARAGOENS de Celorico, possuida por Manoel Antonio Soares de Aragaõ, filho de Luiz Soares de Aragaõ, e de sua mulher, D. Maria Magdalena Coutinho de Vilhena, Filha de Francisco Osorio da Fonseca; neto pela parte paterna de Manoel de Aragaõ Soares, e de sua mulher e prima, D. Maria de Aragaõ Salvado, filha de Marcos de Aragaõ Cabral.

A CASA dos ARAGOENS da Guarda, possuida por Pedro de Aragaõ, filho de Luiz de Aragaõ, e neto de Pedro de Aragaõ de Miranda, e de sua mulher, D. Clara Maria de Vasconcellos, filha de Philippe Ravasco de Oliveira.

A CASA dos ARAGOENS de Lamego, possuida por Bernardo Pinheiro de Aragaõ, Fidalgo da Casa de Sua

Mm 2

Ma-

(a) Prov. da Hist. Genealog. tom. 2, pag. 33.

(b) Prov. cit. pag. 356.

(c) Prov. cit. pag. 802.

Magestade, filho de Antonio de Aragaõ Sauzedo Pinheiro, Fidalgo da mesma Real Casa, e de sua mulher, D. Luiza Maria Natalia de Castellobranco, filha de Simaõ Paes do Amaral, tambem Fidalgo da Casa Real, Senhor da Casa de Mangoalde, e Capitaõ Mór de Azurara da Beira: neto o dito Bernardo Pinheiro de Aragaõ pela parte paterna de Joaõ Pinheiro de Aragaõ, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, e de sua mulher, D. Maria de Andrada, filha de Antonio de Gouvea de Figueiredo, da Cidade do Porto; e he casado com D. Maria Pereira Pinto, filha de Pedro Teixeira da Fonseca, Fidalgo da Casa Real, e Capitaõ Mór de Canellas, e de sua mulher e prima, D. Luiza Leonarda Pereira Pinto, filha de Bernardo Antonio da Silveira Pinto, Moço Fidalgo da Casa de Sua Magestade, e Senhor da Honra de Nogueira.

52. ARANHA.

Est. 2, *Lam.* Aos *Aranhas* dá Villasboas por armas em campo
Etc. 52. azul huma asna de prata entre trez flores de Liz de oiro,
e sobre a cabeça della hum escudinho vermelho com hum
banda de prata, e sobre a banda trez aranhas de preto,
tymbre o chaveiraõ das armas como está, isto he, sem
o elcudo por cima, como diz Coelho; o qual se mostra
muito enfadado do termo *Asna*, parecendo-lhe mais proprio
o de *Chaveiron*, a que os Francezes chamaõ *Chevron*.
Purificação explica-se do mesmo modo, que Villasboas,
tanto sobre o *Chaveiron* ou *Caibro*, como sobre o restante
das armas; e tanto elle, como Coelho, fazem o Solar
dos *Aranhas* na Cidade do Porto: *En la Ciudad del*
Puer-

Puerto (diz Purificação) en una calle , que llaman Rebo-
 lera, estan unas grandes torres, que se quemaron, y sobre la pu-
 erta havia un escudo , que dicia , que Alonso Araña tenia he-
 cho aquella torre , y el escudo era compuesto de tres bandas
 de plata con nueve arañas , tres en cada banda , en cam-
 po de sangre , porque sin duda el Solar de los Arañas fuè
 en dicha Ciudad. Parece porêm que este Solar naõ foi o
 primeiro da Familia ; porque tanto Purificação como Coe-
 lho fazem os *Aranbas* vindos de França , ou de Tosca-
 cana , e o P. Carvalho na *Corographia Portugueza* (a)
 diz , que hum Abbade de Oliveira no Termo dos Arcos
 de Valdevez , chamado Lançarote Dias Aranha , filho de
 Diogo Annes Aranha , augmentou certa Capella , intitu-
 lada por seu Pai em N. Senhora dos Remedios na Torre
 do Outeiro entre as Freguezias de Paço e Sam Paio do
 mesmo Termo , e presume ser alli o Solar dos *Aranbas*.

D. Hug. Pode ser , que de mais perto , que de Fran-
 ça , ou de Italia , viessem para a Cidade do Porto , e mais
 partes deste Reino os primeiros *Aranbas* ; pois que em
 Castella he muito antigo o appellido de huma Familia ,
 muito semelhante ou parecido ao de *Aranba*. Pelos an-
 nos de 1252 vivia D. Henrique Peres de Arana , Rico Ho-
 mem , Senhor de Priego , e Gorgogi , e Reposteiro Mor
 do nosso Rei D. Affonso , o Sabio , que foi casado com
 D. Constança , Condeça de Urgel : o que naõ só prova
 a alta nobreza do dito Cavalleiro , mas que em virtude
 da sua alliança pode ser fossem tomadas pelos *Aranbas*
 as Lizes Francezas. Mais modernamente foi conhecido tam-

(a) Cor. Port. tom. 1, pag. 226.

tambem em Castella D. Joaõ de Arana, Senhor da Casa de Luco, o qual com sua mulher, D. Mecia Manrique, foraõ Fundadores do Convento de Saõ Francisco da Cidade de Victoria, e delles descendeo a Casa dos Marquezes de Villa Alegre. He porẽm necessario averiguar, se ha memorias de *Aranhas* Portuguezes antes do referido anno de 1252; porque naõ as havendo, e constando que os ditos Aranhas foraõ posteriores ao tal anno, natural he, que passassem de Castella a Portugal nas muitas occasioens de differenças, que houve entre as duas Coroaas nos Reinados de D. Affonso IV, D. Fernando, e outros.

Lam. Os *Aranhas* principiaraõ a figurar em Portugal em tempo do nosso Rei D. Joaõ I, sucessor de D. Fernando; porque o dito Rei no anno de 1384 fez mercẽ a Gonçalo Aranha, seu Escudeiro, dos Direitos Reais ou Foro de Villa nova de Folcoa: (a) e no anno seguinte de 1385 deo a Joaõ Fernandes Aranha os Direitos Reais de Roças, e Villa Boa, que entendo ser a de Rodaõ na Comarca de Guimaraens. (b) Pouco depois no anno de 1408 vemos nomeado Bispo do Porto a D. Joaõ Affonso Aranha, que o Catalogo do Illustrissimo Cunha (c) diz, que era Veador da Fazenda Real, em cujo emprego o considera tambem em tempo do mesmo Rei, D. Joaõ I, o P. D. Luiz de Lima (d) no Catalogo dos Veadores da Fazenda: com

(a) Mon. Lusit. tom. 8, pag. 621.

(b) Mon. Lusit. cit. pag. 783.

(c) Cunh. Catal. dos Bisp. do Port. part. 2, pag. 155.

(d) Lima, Geogr. da Europ. tom. 1, p. 278.

com o que se não accõmoda o M. Flores, parecendo-lhe que o Veador, e o Bispo foraõ sujeitos distinctos. Em tempo de ElRei D. Joaõ III servia a Real Casa Portugueza Heitor Aranha, filho de Joaõ Aranha, como se vê do Catalogo dos Fidalgos do dito Rei. (a) O qual Heitor Aranha, a quem Faria (b) chama D. Heitor Aranha, foi Capitãõ de huma das naos, que no anno de 1547 partiraõ deste Reino para a India com o Capitãõ Mor, Francisco Barreto: e pelos annos de 1600, quando governou a mesma India o Conde da Vidigueira, D. Francisco da Gama, lembra o dito Autor (c) a estremada valentia de Joaõ Aranha. Finalmente o sangue dos *Aranhas* entrou no de muitas Casas illustres, como se colhe dos Nobiliarios, quando tractaõ das de *Farelaens*, *Paço de Marrancos*, *S. Ovidio do Porto*, e muitas outras; não sendo o dito appellido menos famoso pelas letras do que pelas armas: pois que na Religiaõ dos Prégadores se distinguiraõ muito por ellas Fr. Thomaz Aranha, filho de Diogo Aranha, Alcaide Mor da Villa de Redondo, e Fr. Joaõ Aranha, Lente da Universidade, e Deputado da Inquisiçaõ, ambos naturais de Coimbra; e na dos extintos Jesuitas os Padres Francisco Aranha, e Silvestre Aranha, o primeiro pelos seus Commentarios a Virgilio, e o segundo pela Logica, e Metaphysica, assás louvadas no seu tempo, e hoje menos. Talvez que por essa raaõ deixasse escrito o A. das Coplas sobre a Nobreza:

Gen-

(a) Prov. da Histor. Geneal. tom. 2, pag. 832.

(b) Faria, Asia Portug. tom. 3, pag. 130.

(c) Far. cit. pag. 130.

*Gente he, que não se acanha
 Com a espada e com a lança,
 Nas letras a todos ganha:
 Linbagem vinda de França,
 Assi chamada da Aranha.*

D. Hug. Vamos ás Casas, que existem, e he o que importa.

Lam. Huma das principais, que retinha este appellido, era a de Gaspar Aranha de Brito, Capitão das naos da India, o qual não teve successão. Lembrarei porém huma, que o retêm, e he

A CASA dos ARANHAS de Macinhata de Ceiça no Bispado de Coimbra, possuida por José Aranha de Lacerda Pereira, filho do Capitão Mor, José Soares Aranha Brandaõ, Cavalleiro na Ordem de Christo, e de sua mulher, D. Maria de Lacerda Pereira, filha de Manoel de Araujo Refende, da Bemposta, e de sua mulher, D. Maria de Lacerda Pereira, de Oliveira de Azemeis, a qual era filha de Joaõ Correa Pereira, de Salreo: neto o dito José Aranha de Lacerda Pereira pela parte paterna de Manoel Aranha Brandaõ, Capitão de Infantaria, e de sua mulher, D. Sebastiana Soares de Rossas, filha de Manoel Vaz de Rossas; e he casado José Aranha de Lacerda com D. Anna Marcellina de Magalhaens Mouraõ, filha do Capitão Nicolao Mouraõ Botelho, natural de Angeja, e de sua mulher, Florencia Soares de Albergaria, filha de Manoel de Pinho Godinho, Capitão da Ordenança, e natural de Avanca na Terra da Feira.

53. ARAUJO.

Lam. Os do appellido *Araujo*, diz Villasboas, que tem ^{Est. 2,} por armas em Portugal huma *aspa azul com cinco besan-* ^{Esc. 53.} *tes de oiro em campo de prata, e por tymbre meio Mou-* *ro, com braços, vestido de azul, com hum capello de oi-* *ro, como de caça: o qual tymbre contradiz Coelho, af-* *firmando, que deve ser meio Mouro sem braços, vestido* *de azul, com hum capello de oiro na cabeça a modo de Ca-* *cis, ou Mestre da Seita dos Mouros; porque este era, o* *que se achou na sepultura de Luiz de Araujo de Barros,* *Desembargador do Paço, enterrado no Mosteiro de S. Vi-* *cente de Fóra em Lisboa junto á porta principal da Igre-* *ja. O M. Purificação segue a Coelho, e ao Marquez de* *Montebello (a) em lembrar, que as armas dos Araujos* *saõ as mesmas, que as da Arabia pelas confirmar ElRei* *D. Joaõ III a Gonçalo Rodrigues de Araujo. O Autor da* *Corographia Portugueza, (b) tractando do Castello de Lin-* *doso, affirma, que, mandando ElRei D. Diniz fazer es-* *te Castello, entregara a Alcaidaria Mor delle a Paio Ro-* *drigues de Araujo, o Cavalleiro, Senhor de Araujo, Lo-* *beos, Gendive, Ogos, Dorno, Alcaide Mor dos Castel-* *los de S. Cruz, Sande, Milmanda, e muitas appresenta-* *çoens de Officios, e Beneficios em Galliza; e neste Rei-* *no de Portugal Senhor dos Coutos de Val de Poldros,* *Soutello, e Rio Caldo, e o primeiro Alcaide Mor de Cal-* *tro Laboreiro, e Lindoso.*

Nr

D. Hug.

(a) Not. ao Nob. do C. D. Pedr. Pl. 93, pag. 532, ediç. de Madr.

(b) Corogr. Port. tom. 1, pag. 241.

D. Hug. Tenho minhas difficuldades em crer, que no tempo de ElRei D. Diniz tivesse ja passado a Portugal a Familia Galliziana dos *Araujos*, naõ obstante que em algumas memorias, que vi, se chegue a affirmar, que hum Paio Rodrigues de Araujo, filho de Vasco de Araujo, Cavalleiro de Santiago, e Commendador de Monte molin, fora Embaixador a Aragaõ para tractar o casamento do mesmo Rei com a Rainha D. Isabel, que hoje veneramos Santa.

Lam. Os Embaixadores, que sollicitaraõ esse casamento em 1280, foraõ Joaõ Velho, Joaõ Martins, e Vasco Peres, como consta da escritura do contracto d'elle, que nos deo copiada da Torre do Tombo hum dos Autores da Monarchia Lusitana, (a) onde lereis a Procuraçaõ d'ElRei, que diz: *Facimus & ordinamus vos, Joannem Vetusulum, & Joannem Martini, & Valasum Petri, vassallos nostros, omnes insimul & quemlibet vestrum in solidum procuratores nostros certos & speciales ad tractandum cum Illustri P. Dei gratia Rege Aragon. de matrimonio contrahendo inter nos & Elisabeth filiam maiorem prædicti Regis, & etiam ad contrahendum nomine nostro matrimonium per verba de presenti, vel sponsalia per verba de futuro &c.* A' vista do que naõ tem lugar o que diz a memoria do concurso de Paio Rodrigues de Araujo no contracto do casamento de ElRei D. Diniz. Nem eu acho, o que diz o Autor da *Corographia Portugueza*, muito conforme com o que dizem as nossas *Historias* mais authenticas. O mesmo Marquez de Montebello, assás empenhado

em

(a) Mon. Lusit. tom. 5, pag. 509.

em descobrir as glorias dos *Araujos*, que tanto lhe pertenciaõ, por ter a varonia desta Familia, apenas cita huma doaçãõ do Livro 2 de ElRei D. Fernando, da qual se mostra dar este Monarca a Gonçalo Rodrigues de Araujo a terra de Villar de Vacas, o Lugar de Cidraes, e o Casal de Dones no Concelho de Barroso, e a Terra de Lindoso com as Jugadas e Portagem de Castro Laboreiro; e bem sabeis, que entre D. Fernando e D. Diniz media-raõ os Reinados de D. Affonso IV, e D. Pedro, sendo o de ElRei D. Diniz de 46 annos, o de Affonso IV de 32, e o de ElRei D. Pedro I de 10, o que constitue hum total de 88 annos: e ainda naõ contando logo desde o principio do Reinado de D. Diniz, mas com alguma interpolaçãõ, sempre temos hum espaço de 80 annos de hum a outro Reinado. Acresce aquella carta, que, visitando a Provincia de Entre Douro e Minho no anno de 1280, passou o dito Rei D. Diniz, estando em Amarante, ao Couto de Bouro, (a) pela qual ordenou a Domingos de Basto, Castelleiro de Monçaõ, que naõ obrigasse os moradores do dito Couto a servir nas cavas, e muralhas da dita Villa de Monçaõ, visto estarem os ditos moradores obrigados a guardar a Portella de Homem em tempo de guerra. E como esta Portella e Lindoso saõ lugares muito vizinhos; nem os moradores de Bouro seriaõ chamados a Monçaõ para o trabalho das cavas e muros, havendo alli perto o Castello de Lindoso, que guardar, e em que trabalhar, nem a elles se encarregaria a guarda da dita Portella, havendo o mencionado Castello de Lindoso com guar-

Nn 2 ni-

(a) Mon. Lusit. cit. tom. 5, pag. 91.

nição taõ vizinha. Alem de que fazendo o Chronista Mor, Fr. Francisco Brandaõ, memoria dos Governos, que havia no tempo de ElRei D. Diniz, e dos Fidalgos, que os tinhaõ, postoque nomêa muitos, a saber, Guarda, Neiva, Chaves, Ribeira Minho, Alemtejo, Elvas, Maia, Tras os montes, Leiria &c. naõ vejo, que nomeasse Lindoso, nem Paio Rodrigues de Araujo, seu Alcaide Mor: o que creio faria, se a obra daquelle Castello fosse coisa tanto da fatisfaçaõ, e pessoal desvello de ElRei, como asfirma o P. Carvalho. Finalmente causa-me admirançaõ, que os Livros Genealogicos façaõ os primeiros *Araujos*, em tempo do Rei D. Fernando, Castelleiros, ou Senhores de Milmanda, quando vejo, que esta Villa, e seu Castello foraõ dadas aos *Limas* no anno de 1370, como atesta o Chronista Mor, Fr. Manoel dos Santos. (a)

D. Hug. Se os *Araujos* passassem a Portugal no tempo de ElRei D. Diniz, como sente Carvalho, e as Memorias Genealogicas, que tenho visto; he muito natural, que o Conde D. Pedro, filho do dito Rei, no seu Nobiliario, e o Livro Velho das Linhagens deste Reino, guardado na Torre do Tombo, se naõ esquecessem de tal Familia. O appellido de *Araujo* creio eu que o tomou a dita Familia do Castello do mesmo nome, situado entre Chaves e Monterrei, de que fazem mençaõ Rodrigo Mendes Silva, (b) e o moderno Estrada (c) na *Poblacion General de España*; o qual Castello dizem estes Autores que fora fundada-

(a) Mon. Lusit. tom. 8, pag. 125.

(b) Silv. Pobl. Gener. Descr. de Galiz. cap. 21, fol. 182, v3.

(c) Estrad. Poblac. Gen. tom. 2, pag. 334.

dado pelo Conde Fernando Joannes, varaõ muito illustre, e Rico Homem do tempo do nosso Rei D. Affonso VII, chamado Imperador, ao qual acompanhou na conquista de Almeria, e obrou alli as proezas, que conta a Chronica do mesmo Rei, onde principalmente se achaõ alguns versos em louvor deste General, v. gr. quando tracta dos Capitaens, que concorreraõ no dita conquista, e saõ estes:

*Jungitur his cunclis Ferdinandus & ipse Joannes
Militia Clarus, bello nunquam superatus,*

.....
*Nemo manet sella cominus sua quem ferit hasta:
Sæpius hic bellis Mauros devicit acerbis.*

O dito Conde D. Fernando Joannes, cujos ascendentes nomêa Gandara, (a) Chronista de Galliza, teve muitos filhos, os quais o acompanharaõ na tomada de Almeria, como lembra a citada Chronica:

*Adfuit ast largo bello generosa propago,
Et natos multos peperit sibi juncta virago,
Qui bene patriscant Agarenosque ense truncant,
Securus tales pater est qui commovet enses &c.*

Fr. Thomaz de Orense no Poema de S. Rosendo nomêa a cinco dos ditos filhos. Hum delles teve a Fortaleza de Milmanda, como escreve o dito Gandara, outro teve

(a) Gandar. Arm. y Triunf. de Galiz. liv. 2, cap. 26, pag. 266.

ve o nome de Rodrigo ; e o primeiro casou com huma Senhora do appellido *Araujo*. Todas estas particularidades podem contribuir para se averiguar a origem da Familia , de que se tracta , muito principalmente tendo o nome de Rodrigo , o que governava *Araujo* em tempo de ElRei D. Fernando de Portugal , como escreve Duarte Nunes de Leão , (b) que diz : *Em Milmanda estava Nuno Viegas , o Velho , em Araujo Rodrigo Annes , &c.* Deste Rodrigo Annes , que em tempo do dito Rei D. Fernando era Alcaide Mor de *Araujo* , entendo eu , que foraõ filhos Lopo Rodrigues , Fernão Rodrigues , Gonçalo Rodrigues , Paio Rodrigues , e Alvaro Rodrigues , irmaons , que tomaraõ o patronimico *Rodrigues* de seu Pai *Rodrigo* , e o appellido de *Araujo* pela Villa , de que o dito seu Pai era Senhor : o que era coisa muito usada naquelles tempos. Nem me parece que acertou o Marquez de Montebello em fazer os ditos cinco irmaons filhos de Paio Rodrigues , por ser mais conforme com o uso daquellas idades , que os filhos de Paio usassem antes o patronimico *Paes* , que o de *Rodrigues*. O certo he , que se acha confundida pelos Escritores a origem dos *Araujos* , querendo alguns , que procedaõ de Joaõ Tirant , Cavalleiro Francez , e Rico Homem do nomeado Rei Affonso VII ; outros , que de D. Velloso , ou Vella Oforio , Senhor de Cabreira , e outras terras ; o que nem pode facilmente averiguar-se , nem tambem resistir-se a que os *Araujos* tenhaõ sangue de todos os nomeados troncos. O nome , ou appellido *Araujo* he antiquissimo em Espanha ;

(a) Chron. de ElRei D. Fern. de Duarte Nunes , pag. 165.

nha; porque Yepes (a) faz menção de hum Convento de S. Estevão de *Araujo* no Bispado de Orense em seculos muito remotos, e o M. Flores (b) na *Espanha Sagrada* lembra o Couto de Rio Caldo junto do Castello de *Araujo* pelos annos de 1175, dos quais tracta huma escritura do nosso Rei Fernando; o que, quanto a mim, he bastante para provar a origem, e antiquidade gloriosa deste appellido. Se porém a Familia conservou o seu esplendor neste Reino, desde que a elle passaraõ os cinco irmaõs, que ha pouco nomeei, por causa das revoluções da nossa Monarchia pela morte de ElRei D. Pedro, e no tempo de seu irmaõ, D. Henrique o segundo de Castella, poderá dizer o Senhor Lami.

Lam. Das nossas Historias consta, que ElRei D. Fernando no anno de 1382 deo a Gonçalo Rodrigues de Araujo o Lugar de Cidraes, e o Casal de Dones em terra de Barroso com as Jugadas e Portagem de Castro Laboreiro, que rendiaõ cada anno 196 libras, como declara a Monarchia Lusitana. (c) De Paio Rodrigues de Araujo se conhece o caracter, e a descendencia, lendo-se as Notas do Marquez de Montebello ao Nobiliario do Conde D. Pedro. Faria na sua Africa (d) escreve, que Paio Rodrigues de Araujo acompanhara os Infantes, D. Henrique, e D. Fernando, filhos de ElRei D. Joaõ I na expedição de Tangere com muitos Cavalleiros da Ordem de Christo,

(a) Yep. tom. 5, cap. 7, fol. 28.

(b) Flor. Esp. Sagr. tom. 17, pag. 26.

(c) Mon. Lusit. tom. 8, pag. 400.

(d) Far. Afr. Port. cap. 3, pag. 38.

to, de que elle era Mestre. O mesmo se affirma em huma das nossas Chronicas antigas. (a) Lopo de Araujo foi Fidalgo da Casa de ElRei D. Affonso V pelos annos de 1462: (b) e creio ser este o Lopo Rodrigues de Araujo, Senhor e Alcaide Mór de Lindoso, que servio em Africa em tempo do mesmo Rei, e acompanhou os Infantes, como escreve o P. Soufa na Historia Genealogica, (c) e poderia o appellido confundi-lo. Francisco de Araujo teve igual Foro na Casa de ElRei D. Manoel. (d) Joaõ Lopes de Soufa, filho de Braz de Araujo, era hum dos Moços Fidalgos, que aprendiaõ a ler, escrever, e Latim á custa de ElRei. (e) Joaõ Rodrigues de Araujo, e seus filhos, Joaõ Rodrigues, Antonio de Soufa, Lopo de Soufa, e Diogo de Soufa, foraõ Fidalgos da Casa do Senhor Rei D. Joaõ III. (f) Na India obraraõ os deste appellido grandes proezas. Ao valor, e prudencia de Paio Rodrigues de Araujo foi devido o amigavel congraçamento do Almirante D. Vasco da Gama com o Rei de Cananor: (g) e obrou Paio Rodrigues em tempo do Governador Lopo Vaz de Sampaio, o que conta o nosso Barros, (h) que diz „E Manoel de „ Brito e Paio Rodrigues de Araujo diante ás lançadas, e „ espingardadas, dando Santiago nos Mouros, os fizeraõ „ „ re-

(a) Chron. de ElRei D. Duarte, cap. 8, pag. 23.

(b) Prov. da Hist. Gen. tom. 2, pag. 37.

(c) Souf. Hist. Geneal. tom. 12, p. 2, no Proem.

(d) Prov. da Hist. Geneal. tom. 2, pag. 358.

(e) Prov. da Hist. Genealog. tom. 2, pag. 384.

(f) Prov. cit. pag. 829, 830.

(g) Barros, Decad. tom. 1, p. 2, pag. 45.

(h) Id. part. 1, pag. 13.

„ retirar da guarda dos paraos, com que houve lugar para „
 „ os queimar. „ O Chronista Mor, Francisco de Andrada,
 (a) diz, que foi Paio Rodrigues de Araujo Alcaide Mór
 de Dio no Governo de Antonio da Silveira. De Rui de Ara-
 ujo, Alcaide Mor de Malaca, e serviços, que fez a este
 Reino, até dar por elle a vida no combate glorioso, que
 houve com Pate Guetir, tracta o dito Barros. (b) Mano-
 el de Faria (c) escreve as acçoens de Antonio de Araujo,
 e Domingos Rodrigues de Araujo, que na India foraõ Ca-
 pitaens de valor provado. O Mestre de Campo, Joaõ de
 Araujo, foi Governador do Brasil juntamente com o Arce-
 bispo da Bahia, D. Sebastiaõ Monteiro, e com o Chan-
 celler do Estado, Caetano de Brito em 1718. (d) Até na
 Literatura, e no Estado Ecclesiastico se distinguiraõ muito
 os *Araujos*. O Bispo de Segovia, D. Fr. Francisco de Arau-
 jo, foi hum Theologo de tal reputaçãõ, e talentos, que
 o P. Serry (e) chegou a escrever delle: *Erat enim Theolo-
 gi nomine vere dignus*. D. Duarte de Araujo, Prior Mór da
 Ordem de Christo, foi taõ bem acceito na Curia Romana,
 e na Corte de Lisboa, que mereceo, que o Rei D. Philip-
 pe II, quando veio a este Reino, o levasse na Procissãõ de
Corpus Christi á sua maõ direita. (f) O P. Antonio de
 Araujo fez missoens taõ proveitosas no Brasil, que até para
 melhor instruir o povo compoz hum Cathecismo de Dou-
 tri-

Oo

tri-

(a) Andr. Chorn. de D. Joaõ III, part. 3, cap. 54. ;

(b) Barr. Decad. 2, liv. 6, cap. 7, e liv. 9, cap. 2.

(c) Far. Af. Port. tom. 3, pag. 228, e 247.

(d) Damiaõ Ant. Aul. da Nobrez. tom. 5, pag. 520.

(e) Serr. Hist. Congreg. de Auxil. liv. 4, cap. 27.

(f) Barbof. Bibl. Lusit. tom. 1, pag. 727.

trina na Lingoa daquelle paiz, para ensinar os ignorantes, e avivar na Fé os convertidos. (a)

D. Hug. Tendo o Marquez de Montebello declarado; e nomeado as muitas Familias, e Casas de Portugal e Castella, aonde entrou o sangue dos *Araujos*; superflua me parece toda a narraçã a este respeito. Basta me digais, quais saõ as Casas, que de presente ha no Reino com tal appellido.

Lam. Creio sabeis, que a varonia dos *Araujos* se conserva principalmente nos descendentes do dito Marquez Felix Machado da Silva, Senhor de Entre Homem e Cavado, e Commendador de Coucieiro, que foi casado com D. Violante de Oroasco, filha do primeiro Marquez de Mortara, D. Rodrigo de Oroasco; e era o dito Marquez Felix Machado filho de Manoel de Araujo e Souza, Senhor do Concelho de Entre Homem e Cavado, e de sua mulher, D. Margarida Machado, filha herdeira de Francisco Machado da Silva, Senhor do mesmo Concelho; neto de Diogo de Araujo e Souza, Senhor de Tóra, e Casal Soeiro, e bisneto de Joaõ de Araujo e Castro, Senhor de Casal Soeiro, e de sua mulher, Mór de Souza, filha de Antonio Vaz de Araujo, Senhor de Tóra. Sabereis tambem, que teve o Marquez de Montebello por filho a Felix José Machado de Mendoça, VI Senhor de Entre Homem e Cavado, Alcaide Mór de Mouraõ, e Commendador de Casal Soeiro na Ordem de Aviz; o qual casou com D. Eufemia de Menezes, Dama do Paço da Rainha D. Maria Sofia, e filha de D. Luiz Balthazar da Silveira, Veador da Rainha D. Marianna de Austria, sobrinho do primeiro

(a) Id. pag. 207.

meiro Conde de Sarzedas. Sabei agora, que delles nasceu Luiz Carlos Machado, VII Senhor de Entre Homem e Cavado, primeiro marido de D. Isabel Henriques, filha de D. Jorge Henriques, VIII Senhor das Alcaçovas, dos quais foi filho Jorge Francisco de Paula Machado, VIII Senhor de Entre Homem e Cavado, Coronel de Infantaria, Provedor da Misericordia de Lisboa, e Governador de Evora, onde falleceo: e deixou successão.

D. Hug. E não possue a Linha do Marquez a Alcaidaria Mór de Lindoso?

Lam. Elle mesmo declarou nas Notas ao Nobiliario do Conde D. Pedro, que não, e que a dita Alcaidaria andava em outra Linha, que, como a sua, procedia por varonia de Paio Rodrigues de Araujo, o Cavalleiro, como vereis; pois diz: *De los hijos, que tuvo, dós casas conservan aun oy parte de sus tierras por baronia, Balthazar de Sousa de Menezes, Señor de Lindoso, y Pedro de Araujo, Señor de Gendive.* Deixai-me porém referir os Alcaides Mores de Lindoso, que posso provar pelas Doações, desde Paio Rodrigues de Araujo até agora, e ficareis entendendo melhor as varonias, que entraraõ na posse da dita Alcaidaria.

1. Paio Rodrigues de Araujo, Alcaide Mór de Lindoso, casado com D. Leonor Pereira de Barbudo.
2. Lopo Rodrigues de Araujo, Alcaide Mor de Lindoso, casado com D. Brites de Sousa e Menezes.
3. Joaõ Rodrigues de Araujo, Alcaide Mor de Lindoso, casado com D. Anna de Lima.
4. Diogo de Sousa de Araujo, Alcaide Mor de Lindoso, casado com D. Catharina de Almeida.

5. Antonio de Sousa de Menezes, Alcaide Mor de Lindoso, casado com D. Guiomar de Araujo.

6. Pedro de Sousa de Menezes, Alcaide Mor de Lindoso, casado com D. Catharina Pacheco.

7. Balthazar de Sousa de Menezes, Alcaide Mor de Lindoso, nomeado pelo Marquez de Montebello, casado com D. Paula Lobo de Araujo.

8. Manoel de Sousa de Menezes, Alcaide Mor de Lindoso, casado com D. Luiza Machado de Magalhaens.

9. D. Maria Natalia de Araujo e Sousa, herdeira, casada com Martim de Tavora e Sousa, Alcaide Mor de Lindoso.

10. Diogo de Sousa Tavora de Menezes, Alcaide Mor de Lindoso, casado f. g. com D. Luiza José da Gama.

11. Joaquim Leite de Azevedo Araujo, sobrinho do antecedente, Alcaide Mor de Lindoso, casado com D. Leocadia Semianna de Bourbon.

Mostra-se por este mappa, que a Alcaidaria Mor de Lindoso, conferida a Paio Rodrigues de Araujo, o Cavalleiro, se conservou na sua descendencia por varonia até Balthazar de Sousa, cuja filha herdeira casou com Martim de Tavora, varonia dos *Cirnes* de Guminhaens, como bisneto de Manoel Cirne Soares, Senhor daquelle Morgado, de que tracta a *Corographia Portugueza*: e por fim recahio na varonia dos *Valles Vieiras Carvalhaes* de Guimaraens; pois que Joaquim Leite de Azevedo Araujo Vieira e Carvalhaes, ultimo Alcaide Mor, n. 11, he filho de Gaspar Leite de Azevedo Vieira Carvalhaes e Valle, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, Mestre de Campo de Infantaria Auxiliar em Guimaraens, Senhor do Morgado.

do dos Vieiras daquella Villa, e das Casas do Paço Dalvares e Melhorado (do qual tractaremos, quando dos *Leites e Vieiras*) cuja mulher, D. Leonor Maria de Tavora Menezes e Aragaõ, era filha de Martim de Tavora Soufa Cirne, e de sua mulher, D. Maria Natalia de Araujo, expressos em o n. 9 do mappa: e era a dita D. Leonor Maria irmã de Diogo de Soufa Tavora, n. 10, penultimo Alcaide Mor de Lindoso, de que veio a ser herdeira, e por consequencia seu filho, Joaquim Leite de Azevedo Araujo, n. 11, que he o presente Alcaide Mor de Lindoso. A serie dos referidos Alcaides Mores se prova por Doações Reais; e porque seria extenso, se as produzisse todas, me limitarei á primeira, e á ultima, e das mais citarei as datas, e os registros. Que Paio Rodrigues de Araujo, n. 1, foi Alcaide Mor declara a Doação de seu filho, Lopo Rodrigues de Araujo, n. 2, expedida em 11 de Março de 1464 ainda, ao que parece, em vida de seu Pai, e he do teor seguinte: „ D. Affonso por graça de Deos Rei de Por- „ tugal e do Algarve, Senhor de Cepta e de Alcacer em „ Africa. A quantos esta minha Carta virem fazemos „ saber, que querendo nós fazer graça, e mercê a Lo- „ po de Araujo, Fidalgo da nossa Casa, por o serviço „ que nos tem feito, havemos por bem que queremos „ que por fallecimento de Paay Rodrigues de Araujo seu „ Padre elle tenha, e haja de nós dahi em diante o nos- „ so Couto de Lindoso com seu Castello que ora tem „ derribado, suas rendas, e pertenças delle segundo e „ hora tinha, e tem de nós por nossa Carta o dito seu „ Padre; e porem mandamos aos Vedores da nossa Fa- „ zenda, Corregedores, Juizes, Contadores, e Almo-

„ xa-

,, xarifes , e a outras quaesquer pessoas , a que o conhe- ,,
 ,, cimento deste pertencer , que fallecendo assim o dito ,,
 ,, seu Padre , mettaõ logo de posse ao dito Lopo de Arau- ,,
 ,, jo do dito Couto de Lindoso , e Castello , suas rendas , ,,
 ,, e pertenças delle ; o qual assim tenha e haja , como a ,,
 ,, nós de direito pertence , e de nós tem por nossa Car- ,,
 ,, ta o dito seu Padre , como dito he , por quanto assim ,,
 ,, he nossa mercê sem outro embargo , que huns e ,,
 ,, outros sobre ello ponhais. Dada em Cepta II dias de ,,
 ,, Março. Pedro de Alcaçova a fez , anno de 1464 : REY. ,,
 Que Joaõ Rodrigues de Araujo , n. 3, foi tambem Alcai-
 de Mor de Lindoso , se prova da Doaçãõ feita a seu filho ,
 Diogo de Sousa de Araujo , n. 4. , pelo Senhor Rei D. Jo-
 aõ III , em 10 de Janeiro de 1544 : de que só lembrarei as
 palavras , que mostraõ o rendimento da dita Alcaidaria na-
 quella idade , e diz assim : ,, D. Joaõ &c. A quantos esta ,,
 ,, nossa Carta virem faço saber , que querendo eu fazer ,,
 ,, graça , e mercê a Diogo de Sousa , Fidalgo de minha ,,
 ,, Casa , filho de Joaõ Rodrigues de Araujo , tenho por ,,
 ,, bem e lhe faço mercê da Alcaidaria Mor do Castello ,,
 ,, de Lindoso , que he na Comarca de Ponte de Lima , ,,
 ,, que vagou por fallecimento do dito seu Pai , com todas ,,
 ,, as rendas , foros , e direitos , que a ella directamente per- ,,
 ,, tencem , que saõ as abaixo declaradas , a saber , cem al- ,,
 ,, queires de paõ tressado , senteio , milho , e painço , e ,,
 ,, seis centos e sincoenta reis em dinheiro , que se pagaõ ,,
 ,, pelo foral , e as ltuosas , que saõ de cada morador ,,
 ,, do dito Lugar ao tempo da sua morte a melhor pe- ,,
 ,, ça movel , que se achar em sua casa , e assim as por- ,,
 ,, tagens , que podem render mil e quinhentos reis ca- ,,
 ,, da

„ da anno pouco mais ou menos , que he hum real de „
 „ cada besta , que passar para o Rio (*entendo deve dizer* „
 „ Reino) de Galliza por estar o dito Castello no extre- „
 „ mo , &c. „ Que Antonio de Souza de Menezes , n. 5 ,
 Pedro de Souza de Menezes , n. 6 , e Balthazar de Souza de
 Menezes , n. 7 , foraõ Alcaides Mores de Lindoso , se pro-
 va da doaçaõ do ultimo , passada pelo Senhor Rei D. Jo-
 aõ IV em 11 de Junho de 1643 , registrada na Chancellaria
 no Livro dos Officios e Mercês , a folhas 138 , no mes-
 mo anno. Que Manoel de Souza de Menezes , n. 8 , teve
 a mesma Alcaidaria , e tambem seu genro , Martim de Ta-
 vora , n. 9 , consta da doaçaõ , que a este mandou expedir
 o Senhor Rei D. Pedro II em 20 de Maio de 1695 , re-
 gistrada na Chancellaria a folhas 47 verso , no dito anno.
 Finalmente que Diogo de Souza , n. 10 , e Joaquim Leite
 de Azevedo , n. 11 , foraõ providos na mesma Alcaidaria
 Mor , se prova da doaçaõ , mandada expedir ao ultimo pelo
 Senhor Rei D. José I em 20 de Maio de 1752 em virtude do
 Real Decreto de 9 de Novembro de 1751 , que diz assim :
 „ Eu ElRei faço saber , que tendo respeito aos serviços „
 „ de Diogo de Souza de Tavora e Menezes , Fidalgo „
 „ da minha Casa , Alcaide Mor do Concelho e Castello „
 „ de Lindoso , e filho de Martim de Tavora e Souza , Fi- „
 „ dalgo da mesma Casa , obrados no Regimento da Ci- „
 „ dade do Porto , e Provincia do Minho por espaço de „
 „ dezenove annos sete mezes e dois dias em praça de „
 „ Soldado Granadeiro , que assentara voluntariamente , „
 „ no posto de Tenente de Infantaria pago , e no de Mes- „
 „ tre de Campo de hum Terço Auxiliar da dita Provin- „
 „ cia , contado tudo com interpolaçaõ de tempo de 4 „
 „ de

„ de Março de 1725 até 12 de Fevereiro de 1750, em „
„ que ficara continuando; e a ter pedido para seu sobri- „
„ nho, Joaquim Leite de Azevedo Araujo, Fidalgo tam- „
„ bem da minha Casa, por elle se achar sem filhos, a „
„ mercê da dita Alcaidaria Mor de Lindoso em remu- „
„ neração dos seus serviços, sendo muito attendivel „
„ para a concessão desta graça a consideração, de que „
„ todos os seus ascendentes serviraõ sempre aos Senho- „
„ res Reis deste Reino de forte, que mereceraõ alem de „
„ outras mercês a conservação desta Alcaidaria Mor na „
„ sua Familia desde Paio Rodrigues de Araujo, que vi- „
„ vera no Reinado do Senhor Rei D. Joaõ o 1, até o „
„ presente, cuja circumstancia fora ja attendida a favor „
„ de Balthazar de Sousa de Menezes, seu terceiro avó; „
„ ao que acrescia estar o dito seu sobrinho servindo em „
„ praça de Soldado no Regimento da Cidade do Por- „
„ to, e ser filho de Gaspar Leite de Azevedo, Mestre „
„ de Campo de Auxiliares da Provincia do Minho: e „
„ tendo consideração ao que me representou, e em sa- „
„ tisfação de todos os serviços do dito Diogo de Sou- „
„ sa de Tavora e Menezes de Araujo: Hey por bem „
„ fazer mercê a seu sobrinho, Joaquim Leite de Aze- „
„ vedo e Araujo, da Alcaidaria Mor do Concelho e Cas- „
„ tello de Lindoso, que vagou por fallecimento do di- „
„ to seu tio, em sua vida semente. Pelo que mando aos „
„ meus Desembargadores do Paço, que sendo-lhes ap- „
„ presentedo este Alvará, por mim assignado, e passa- „
„ do pela minha Chancellaria Mor do Reino, e regif- „
„ trado no Livro das Mercês, que faço, lhe façaõ pas- „
„ sar Carta da dita Alcaidaria Mor, na qual se trasla- „
„ da-

„ dará este Alvará , que se cumprirá , como nelle se con- „
 „ têm , e á margem do registro da Portaria , por onde „
 „ elle se obrou , se porá a verba necessaria , a qual se „
 „ romperá ao assignar delle ; e pagou de novos direitos „
 „ trinta reis , que se carregaraõ ao Thesoureiro delles a „
 „ folhas trezentas , e setenta e nove do Livro terceiro da „
 „ sua Receita , e se registrou o conhecimento em fórma „
 „ no Livro terceiro do Registro Geral a folhas trezen- „
 „ tas e treze. Lisboa 9 de Novembro de 1751: REI. „
 „ Gonçalo Francisco da Costa de Sottomaior o fez es- „
 „ crever. Francisco Xavier da Cunha o fez. „ A Doação ,
 que se expedio em virtude deste Decreto , está registrada
 na Chancellaria Mor do Reino no Livro das Doações e
 Confirmações a folhas 66 do anno de 1752. Pelo que to-
 ca ás Casas nobres , que existem do appellido *Araujo* ,
 deixando algumas dellas , para serem referidas em outros
 lugares , a que pertencem , lembrarei as de que tenho no-
 ticia : e saõ a dos *Araujos Azevedos* de S. Luzia , *Arau-
 jos Azevedos* da Passagem , *Araujos Azevedos Caldas* do
 Tojal , *Araujos Britos* de Guilhadezes , *Araujos Cadorni-
 gas* , *Araujos Coelhos* de Ponte de Lima , *Araujos Mellos*
 da Loureira , *Araujos Vasconcellos* de Sinde , alem dos *Arau-
 jos Villalobos* do Antepasso , de que ja tractamos. (a)

A CASA dos ARAUJOS AZEVEDOS de S. Luzia he
 possuida por Antonio Carlos de Araujo , Senhor do Morgado
 de S. Luzia , filho de Tristaõ de Araujo Azevedo , Senhor
 do mesmo Morgado , e morador em Valença do Minho , e
 P p de

(a) Estrang. no Lima, tom. 1 , pag. 253.

de sua mulher, D. Serafina de Miranda, filha de Bartholomeo de Faria de Andrada: neto o dito Antonio Carlos de Araujo pela parte paterna de Gonçalo de Abreu Bacellar (que era filho de Tristaõ de Araujo de Azevedo) Senhor do dito Morgado de S. Luzia , e de sua mulher, D. Bernarda Pereira de Castro Serpe, filha de Lopo Gomes Pereira, da Casa de Barbeita; e he casado o mesmo Antonio Carlos de Araujo com D. Maria Antonia de Sousa Rego, natural de Guimaraens, filha de Miguel de Sousa Rego, Cavalleiro na Ordem de Christo, e Juiz Executor do Almojarifado da mesma Villa, e de sua mulher, D. Guiomar de Abreu e Sousa, natural de Basto, e filha de José de Abreu Bacellar, Cavalleiro na Ordem de Christo, que servio na guerra da Liga com patente de Capitaõ de Infantaria.

A CASA dos ARAUJOS AZEVEDOS da Passagem nesta Ribeira Lima he possuida por Amaro José de Araujo e Azevedo, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, filho de Gaspar de Araujo Azevedo, Fidalgo da mesma Real Casa, e de sua mulher, D. Paula da Gama, filha b. de Francisco Barbosa Lyra, Abbade da Igreja do Couto, e Commissario do S. Officio: neto o dito Amaro José de Araujo Azevedo pela parte paterna de Amaro de Araujo Azevedo, tambem Fidalgo da Casa Real, e Capitaõ de Infantaria, e de sua mulher, D. Susana Bezerra, filha do Doutor Rafael Burgueira Aranha, Lente que foi de Instituta na Universidade de Coimbra, e de sua mulher, D. Marianna Jacome Bezerra, dos Bezerras, Morgados de Paredes junto a Vianna.

A CASA dos ARAUJOS AZEVEDOS do Tojal, possuida por Joaõ de Sousa de Azevedo, Cavalleiro da Ordem de Christo, e Senhor da Quinta do Tojal, filho de Luiz de Araujo de Azevedo, Cavalleiro da mesma Ordem, e Capitãõ Mor da Villa de Valladares, e de sua mulher, D. Teresa Maria de Araujo Sottomayor, filha de D. Balthazar de Araujo Sottomayor, que o foi de D. Joaõ de Araujo e Zunhiga, Senhor de Pedras Rubias: neto o dito Joaõ de Sousa de Azevedo pela parte paterna de Philippe de Araujo Caldas, Cavalleiro na Ordem de Christo, e Capitãõ Mor de Valladares, e de sua mulher, D. Isabel de Sousa e Castro, filha de André de Castro, Senhor da Casa de Sobraõ; e casou o mesmo Joaõ de Sousa de Azevedo com D. Maria de Lima e Mello, filha herdeira de Francisco de Lima e Mello, Mestre de Campo de Auxiliares, e Senhor da Quinta do Tojal, filho natural de D. Francisco de Lima e Mello, Senhor da Quinta dos Barreiros, e teve por herdeiro a Philippe de Araujo Azevedo Lima e Mello.

A CASA dos ARAUJOS BRITOS de Guilhadezes, possuida por Miguel Jacome de Araujo Pereira Gajo, Senhor do Paço de Guilhadezes no Termo dos Arcos, filho de Antonio de Araujo de Abreu de Lima, e de sua mulher, D. Anna Maria Pereira Gajo, filha herdeira de Jacome Pereira Gajo, Senhor do Casal e Carcalheira: neto o dito Miguel Jacome de Gonçalo de Araujo e Brito, Senhor do Paço de Guilhadezes, e de sua mulher, D. Maria de Abreu de Lima, filha de Joaõ Gomes de Abreu, Morgado da Torre de Mouro; e casou o mesmo Miguel Ja-

come de Araujo Pereira Gajo com D. Ursula Josefina de Villasboas, irmã de Fernando Leite Lobo de Villasboas, Desembargador dos Aggravos, e Corregedor do Crime e Cível na Relação do Porto, filho de Valentim da Rocha Villasboas, Cavalleiro na Ordem de Christo, da Villa de Vianna.

AS CASAS dos ARAUJOS CADORNIGAS, derivadas de Diogo de Araujo e Castro, Senhor da Quinta de Tora, de que faz menção a Corographia Portugueza, (a) huma das quais recahio em Antonio José de Sousa Araujo e Castro, filho de Francisco de Sousa e Castro de Araujo, Senhor de Tora, e de sua mulher e prima, D. Maria Eugenia de Mello da Silva, filha de Manoel de Mello da Silva, Capitão Mor de Villachá e Larim; e a outra em João Antonio de Araujo de Sousa e Castro, filho de Diogo de Sousa de Menezes, Cavalleiro na Ordem de Christo, e de sua mulher, D. Agostinha de Abreu de Lima, filha de Antonio de Araujo de Abreu, Senhor do Paço de Guilhadezes, ha pouco nomeado; e neto o dito João Antonio de Araujo pela parte paterna de João de Araujo de Sousa e Castro, morador na Quinta de Tora, e de sua mulher, D. Maria Borges, filha de Francisco Borges.

A CASA dos ARAUJOS COELHOS de Ponte de Lima, possuida por Gonçalo Coelho de Araujo e Menezes, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, e Tenente de Infantaria no Minho, filho de Gonçalo Coelho de Araujo e Menezes.

(a) Corogr. Port. tom. 1, pag. 226.

nezes, Fidalgo da mesma Real Casa, e Cavalleiro na Ordem de Christo, e de sua mulher, D. Maria Lobo de Sottomayor, natural de Vianna, filha de Joaõ Lobo de Sottomayor, e de sua mulher, D. Dorothea de Abreu, filha de Antonio de Abreu Filgueiras, Cavalleiro na Ordem de Christo, e Tenente de Cavallaria: neto o dito Gonçalo Coelho de Araujo e Menezes pela parte paterna de Tristaõ de Araujo e Azevedo, Fidalgo da Casa Real por Alvará de 1692, e de sua mulher, D. Guiomar Maria de Menezes, filha de Jeronimo de Sousa Machado, Senhor da Casa da Lage em S. Pedro de Arcos, e de sua terceira mulher, D. Joanna de Tavora, filha de Simaõ de Tavora Pereira, Fidalgo da Casa Real, e Comendador de Villa verde. He casado Gonçalo Coelho de Araujo e Menezes com D. Anna Teresa de Mendocça Sottomayor, irmã de Monsenhor Salter, Prelado Mitrado da S. Igreja Patriarcal de Lisboa, e do Desembargador da Relação do Porto, Joaõ Antonio Salter, Ministro de notaveis qualidades, filhos todos de Jorge Salter de Mendocça, Desembargador dos Aggravos na dita Relação, e de sua mulher, D. Antonia Francisca Pessoa de Lima, filha de Bento Corrêa de Lima, Capitãõ Mor de Pinhancó, e Senhor do Engenho de Goyana em Pernambuco, e Padroeiro de N. Senhora das Maravilhas: o qual Jorge Salter de Mendocça foi filho de Vasco Nabo Salter de Mendocça, Thesoureiro Mor do Reino, e Dono das Capitãias de Tapepoca, e Maquim, e de sua mulher, D. Joanna Leocadia Gomes Alamo, filha de Antonio Gomes Alamo de las Varilhas, Cavalleiro na Ordem de Christo, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, e de sua mulher, D.

Te-

Teresa Maria da Costa, filha de D. Duarte Fernandes da Costa e Portugal, Commendador da Annunciada na Ordem de Santiago, e Senhor da Villa de Sonseca, e de sua mulher, D. Joanna Maria Pimentel de Sottomayor, filha de D. Balthazar Sarmento Pimentel de Cadorniga, Senhor da antiga Casa de Mesquita em Galliza, e das Villas de Freirias, Val de Couso, e Vilar de Cicobos, Padreiro do Collegio de S. Justa e Rufina em Alcalá de Henares, com a ascendencia relatada por Francisco de Pina na Dedicatoria do seu Theatro de Eloquencia.

A CASA dos ARAUJOS MELLOS da Loureira, possuida por Antonio de Araujo de Mello, filho de Domingos José de Araujo de Mello, Capitão Mor de Villachá e Larim, Senhor da Quinta da Loureira, e de sua segunda mulher, D. Maria Josefa de Sousa de Sottomayor, filha de Paio Gomes Pereira de Caldas, da Villa de Vianer, e de sua mulher, D. Francisca Josefa de Sousa de Sottomayor, filha de Felix da Rocha Barbosa, Senhor da Quinta de Santa Martha; neto o dito Antonio de Araujo de Mello pela parte paterna de Victorio de Araujo de Almeida, Cavalleiro na Ordem de Christo, e de sua mulher, D. Jeronima Maria da Costa, natural de Braga, e filha de Giraldo Gomes.

A CASA dos ARAUJOS VASCONCELLOS de Sinde em Braga, possuida por Francisco de Araujo e Vasconcellos, Senhor de Lobeos, Gendive, e Quinta de Sinde junto a Braga, filho de Gabriel de Araujo e Vasconcellos, Capitão Mor do Concelho da Povia de Lanhonho-

nhofo , Cavalleiro na Ordem de Christo , Senhor de Lobeos , Gendive , e da dita Quinta de Sinde , e de sua mulher , D. Catharina Pinto do Rego , filha de Belchior do Rego e Castro , descendente da Casa de Merece , e de sua mulher , D. Francisca Pinto , filha de Christovaõ de Miranda : neto o dito Francisco de Araujo e Vasconcellos pela parte paterna de Gabriel de Araujo e Vasconcellos , Senhor da Quinta de Sinde , e de sua mulher , D. Angela da Fonseca Coutinho , filha de Christovaõ da Fonseca Coutinho ; e casou o mesmo Francisco de Araujo e Vasconcellos com D. Isabel Ritta de Abreu Cirne de Castro , filha de Francisco de Abreu Pereira , Fidalgo da Casa de Sua Magestade , Governador do Castello da barra de Vianna , de quem se fez mençaõ , quando dos *Abreus* , (a) e de sua primeira mulher , D. Isabel de Soufa , filha de Francisco de Soufa Lobato , Capitaõ Mor de Ponte de Lima , de quem tambem ja se fez mençaõ : (b) e tem descendencia.

54. ARCA.

Lam. Dá a Nobiliarchia por armas aos do appellido *Arca* Est. 2 ,
 hum *escudo esquartelado* : o primeiro *hum* *faxa verme-* Esc. 54.
lha em campo de oiro ; o segundo *empequetado do primeiro* , e
segundo , de *trez peças em faxa* : e *assim os contrarios* ; *tym-*
bre hum galgo preto com coleira empequetada de oiro , e *ver-*
melho ; e diz , que lhe parece ser o Solar da Familia em
 Val de *Arca* , junto a Montemor o novo. Coelho só re-
 pa-

(a) Estrang. no Lim. tom. 1, pag. 350.

(b) Id. pag. 192.

para no tymbre, que Villasboas diz *se pinta do elmo*, e elle corrige em *pinchar*; pois que o galgo deve estar de modo, que pareça quer saltar, ou sahir por força do dito elmo: e segue, que he Familia Alentejana com Morgado na Cidade de Evora, vinculado em huma Capella no Convento de S. Domingos, e que ja em tempo de ElRei D. Pedro figurava no Reino Fernão Gonçalves de Arca. Purificação (que escreve *Arça*, e não *Arca*) quer, que o xadrez do segundo quartel seja de azul, e oiro com as trez peças em faxa, e persuade, que no seu tempo era Chefe desta Familia Antonio de Azevedo, suppondo-a porêm antiga; pois affirma, que Fernão Gonçalves de Arca acompanhara a ElRei D. João I na conquista de Ceuta.

D. Hug. Não he para desprezar a lembrança, que Purificação faz de *Arças*; porque li na *Historia Insulana* do P. Cordeiro, (a) que a filha mais velha de Jacome de Bruges, Fidalgo Flamengo, e primeiro Capitão Donatario da Ilha Terceira, se chamava Antonia Dias de *Arça*, a qual casou com Duarte Paim, Commendador da Ordem de Santiago, e filho de Elim Paim, Fidalgo Inglez, e Secretario da Rainha D. Filippa, mulher de ElRei D. João I, com descendencia; e usava do appellido *Arça*, pelo ter sua Mãe, Sancha Rodrigues de Arça, mulher do dito Jacome de Bruges, que fora Dama da Infanta D. Brites (o que he huma prova da sua illustre qualidade) e que havia *Arças* em Portugal antes do anno de 1450, em que o Infante D. Henrique doou a dita Ilha Terceira a Jacome

(a) Hist. Insul. l. 6, cap. 17, pag. 307.

me de Bruges, e a sua mulher, Sancha Rodrigues de Arça, para si e descendentes. (a)

Lam. Se esses *Arças* eraõ os mesmos que os *Arcas*, ou *Darcas*, naõ posso dizer de certo, e só que na Historia do Reino apparece o appellido *Arca* em Fidalgos muito distinctos da Cidade de Evora em Alemtejo. No anno de 1384, quando aquella Cidade fluctuava com os movimentos, que havia entre os parciais de Castella, e os do Mestre de Aviz, refere o Chronista Mor, Fr. Manoel dos Santos, (b) que Diogo Lopes Lobo, e Fernaõ Gonçalves d'Arca, dois Cidadãos muito nobres della, animaraõ a plebe, que investio, e tomou o Castello declarando-se a favor do dito Mestre: e dalli a dez annos em o de 1394 servio o dito Fernaõ Gonçalves d'Arca (sendo Regedor de Evora) e seu filho, Joaõ Fernandes de Arca, de testemunhas do Instrumento, que se fez sobre o defacato commettido no Convento das Religiosas Bernardas daquela Cidade; (c) e que ainda era Regedor, se mostra da escritura, que se acha na Torre do Tombo, e cita o dito Chronista Mor. (d) Quando depois passou a Alemtejo o Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, para defender aquella Provincia das invasoens de Castella, entre os Fidalgos, que o acompanharaõ, he nomeado o dito Joaõ Fernandes d'Arca, sendo muito para notar, que na eleiçaõ, que se fez do Mestre de Aviz para

Qq

De-

(a) Id. liv. 6, cap. 2, pag. 244.

(b) Mon. Lusit. tom. 8, pag. 490.

(c) Id. pag. 494.

(d) Id. pag. 591.

Defensor da Monarchia, se achassem por parte da Nobreza de Evora o dito Fernão Gonçalves d'Arca, seu filho, João Fernandes de Arca, e outro João Fernandes d'Arca, seu neto: (a) prova da fidelidade, e amor, que os desta Familia tinhaõ aos Principes Portuguezes. Nas Cortes de Coimbra do anno de 1385, quando o mesmo Mestre foi eleito Rei de Portugal, era João Fernandes d'Arca hum dos Procuradores pela dita Cidade de Evora: e, como homem prudente e fiel, foi proposto nos Capitulos das mesmas Cortes para ser hum dos Conselheiros de ElRei; (b) e depois foi hum dos que o acompanharaõ na batalha de Aljubarrota: (c) e seu Pai, Fernão Gonçalves d'Arca, ainda era vivo, porque acompanhou o mesmo Rei na conquista de Ceuta: (d) desorte que desde entaõ se ficou esta Familia conservando no serviço da nossa Casa Real Portugueza em tanta forma, que no anno de 1462 era Rodrigo Affonso d'Arca Fidalgo da Casa de ElRei D. Affonso V; (e) e tambem o foi de ElRei D. João II, seu filho, e successor; e no dito anno de 1462 era Moço Fidalgo da mesma Casa Alvaro de Arca, que no de 1469 tinha passado a Fidalgo Cavalleiro. (f) No anno de 1484 era Luiz de Arca Fidalgo da Casa de ElRei D. João II, (g) e Gonçalo Lopes de Arca o foi tambem da Casa d'El-Rei

(a) Id. pag. 615.

(b) Id. pag. 678.

(c) Id. pag. 749.

(d) Azurar. Chron. de D. João I, part. 3, cap. 49, pag. 156.

(e) Prov. da Hist. Geneal. tom. 2^o, pag. 26, e 177.

(f) Id pag. 29, e 42.

(g) Id. pag. 178.

Rei D. Joaõ III, (a) e pelo patronimico poderia ser filho do Chanceller Mor do Reino, Lopo d'Arca, de que fazem menção as nossas Historias. (b) Comtudo foi-se pelo decurso dos tempos esquecendo o appellido *d'Arca* de maneira, que o A. das Coplas da Nobreza disse:

*Geração ja consūmida
Do tempo, mas mui honrada,
Com a batalha afamada,
Contra Castella vencida,
Se mostrou mui esforçada.*

55. ARELHANO.

Lam. Diz Villasboas, que os *Arelhanos*; ou *Arelanos*, Est. 2; como elle os nomêa, tem por armas em *campo de prata* Esc. 55. *duas barras vermelhas, e na borda verde seis flores de Liz.* Coelho reprova a introducção deste appellido na Nobiliarchia Portugueza pelo fundamento de ser Castelhana, e com Argote de Molina diz, que os *Arelhanos* tem hum escudo partido em palla, a primeira de vermelho, e a segunda de prata, e ao pé do escudo huma flor de Liz entrecambada, ametade que fica sobre o campo vermelho, de oiro; e a outra ametade, que fica sobre o campo de prata, de vermelho. Cita tambem a D. Luiz de Haro, que dá aos Condes de Aguilar em Castella, que são desta Familia, o mesmo *escudo partido em palla, na primeira em*

Qq 2

cam-

(a) Id. pag. 801.

(b) Aul. da Nobr. tom. 5, pag. 513.

campo de prata flor de Liz vermelha, e a segunda em campo vermelho flor de Liz de oiro, e ao pé do escudo huma flor de Liz, ametade de vermelho, e outra ametade de oiro, e huma orla azul com oito flores de oiro; de forte, diz Coelho, que ninguem assignou aos Arelhanos as armas, que Villasboas lhes assigna. Purificação dá a esta Familia o escudo, que se acha na estampa, e he o referido por Haro: (a) e como tanto o dito Purificação, como Villasboas fizeram menção deste escudo, e appellido, não o devia eu omitir entre os da Nobiliarchia Portugueza illustrada, principalmente vendo no Catalogo dos moradores da Casa do nosso Rei D. Manoel (b) a D. Henrique de Arelhano, que foi Fidalgo do Conselho com 3650 de moradia por mez.

D. Hug. Estimo a noticia, que me participais de ter D. Henrique de Arelhano sido Fidalgo do serviço de ElRei D. Manoel; o que tinha escapado á perspicacia de D. Luiz de Salazar, o qual affirma na Historia da Casa de Lara (c) saber tão sómente o nome deste Cavalleiro. Elle foi filho de D. Affonso Ramires de Arelhano, IV Senhor de los Cameros (hum dos maiores Estados, que possuiue vassallo, porque se compõem este Senhorio de 40 Villas, 117 Aldeas, 1500 Casas de Hijos dalgo, e 130000 vassallos) primeiro Conde de Aguilar, Guarda Mor de ElRei D. Henrique IV de Castella, e Capitão General das Fronteiras de Aragaõ, e Navarra, e de sua mulher, D. Catharina de Mendoza, filha de D. Diogo Hurtado de Men-

(a) Har. Nobil. de España, tom. 2, liv. 6, cap. 5, pag. 52.

(b) Prov. da Histor. Genealog. da Caf. Real, tom. 2, pag. 354.

(c) Caf. de Lar. tom. 1, pag. 391.

doça , primeiro Duque do Infantado , e segundo Marquez de Santilhana , aquelle homem , a quem os Reis Catholicos definiraõ o principal Cavalleiro dos seus Reinos , conservador , e sustento da sua Coroa ; e teve D. Henrique de Arelhano por irmaons a D. Carlos de Arelhano , segundo Conde de Aguilar , e quinto Senhor de los Cameros &c. , a D. Alonso de Arelhano , Senhor de Clavijo &c. , a D. Iñigo de Arelhano , Senhor da Villa da Torre de los Cameros &c. , a D. Bernardino de Arelhano , Senhor da Villa de Sotto &c. , e a D. Isabel de Arelhano , mulher do Conde de Belchite , primogenito dos Duques de Hajar ; sendo em Espanha taõ illustre a Familia dos *Arelhanos* , que os nossos Historiadores a fazem filiaçaõ da Casa Real de Navarra ; (a) e foi taõ fecunda de varoens preclaros , que basta o nome , e as acçoens de Joaõ Ramires de Arelhano , o Velho , para a immortalizar , constando da Historia , que este Fidalgo fez aos Reis de Aragaõ , e Navarra aquella notavel resistencia , que se conta , para naõ ser morto D. Henrique de Trastamara , depois Rei , o segundo do nome em Castella , dentro no Castello de Sós, *sinque* (diz Salazar) *las instancias de los Reyes le pudiesen vencer a consentir en aquella maldad , de que tan gran prejuicio resultava a su honor.* Marianna na Historia Geral gradúa esta acçaõ de maravilha. *Grandissima maravilla* (diz elle) *que un hombre Estrangero tuviesse tan grande constancia , que se opuziesse a la voluntad y determinacion de dos Reyes : y mas que era Camarero del Aragonéz.* (b) Nem rogos , nem
pro-

(a) Memor. del Marq. de Ribas , fol. 69.

(b) Hist. Gener. de Esp. liv. 17 , cap. 6.

promessas poderaõ vencer a sua intrepidez resoluta; pois diz Ferreras: (a) *Los dos Reyes trataron en secreto con D. Juan Ramires, que diessse licencia para entrar gente y quitar la vida a el Conde D. Henrique, promettiendo-le grandes partidos y offereciendo-le grandes conveniencias; mas este Cavallero anduvo tan honrado, y estimò tanto su pundonor, que abandonando quanto se le offerecia, no quiso venir en ello.* Ja no anno de 1145, como escreve Haro, era conhecida a Familia dos *Arelhanos*; porque vivia o Rico Homem, Ramiro Sanches de Arelhano; e quanto ás armas temos o que diz o Poeta Castelhana dos Brazoens:

*Esotro escudo blanco y colorado
Al largo con la orla de ocho flores
De Liz en campo açul, es del dotado
Linage (y con rason) de mil loores:
El Linage Arellano assi llamado,
Y los Cameros fueron sus Señores,
Y vienem de Navarra, antes de Francia,
De los que davan Reyes a esta instancia.*

Nem Coelho provavelmente censuraria, que Villasboas fizesse mençaõ dos *Arelhanos* no Catalogo dos appellidos nobres deste Reino, se lhe tivesse constado, que os *Silvas*, e *Menezes* se alliarã com elles. Os *Silvas*, casando Joaõ Gomes da Silva, Fidalgo oriundo de Portugal, e residente em Toledo, com D. Anna de Arelhano, filha de D. Inigo de Arelhano, que ha pouco nomeei; e

OS-

(a) Hist. de Esp. tom. 8, ad ann. 1363, pag. 123, n. 14.

os *Menezes*, porque D. Margarida de Menezes, que muitos fazem descendente de D. Fernando de Menezes, irmão de D. Pedro de Menezes, primeiro Conde de Villa Real, casou com Affonso Ramires de Arelhano com illustre descendencia. (a)

56. ARGOTE.

Lam. Dos *Argotes* não tracta Villasboas; porem faz Est. 2, delles menção o Autor dos *Brazoens de Portugal*, dizem- Esc. 56. do, que tem por armas em *campo vermelho huma Cruz floreteada vazia*; que são Cavalheiros Asturianos, e habitantes na Cidade de Cordova; e que Gonçalo Argote sente, que a Cruz deve ser como a da Ordem da Monteza, cheia de veiros azuis, e de prata no mesmo campo vermelho. Bastava ter em Portugal o appellido *Argote* hum varão tão amante da honra da nação, qual foi D. Jeronimo Contador de Argote, para não ser esquecido.

D. Hug. Os *Argotes* de Castella são honradissimos. Gonçalo Argote de Molina, que acabais de nomear, foi Senhor de Daganzuelo, e Torre de Gil de Oliol, Conde de Lançarote, Alferes Mor das Milicias de Andaluzia, Gentil Homem da Camara do Rei de Polonia, Vinte e quatro de Sevilha, e se fez memoravel pelos seus muitos escritos, que hum bom Juiz dos nossos tempos affirma (b) terem merecido *el maior concepto y estimacion de los eruditos, tanto por su bondad essencial en la exactitud, sana*

(a) Salaz. de Castr. Caf. de Sylv. tom. 1, pag. 421.

(b) Parnas. Español, tom. 9, Not. de los Poetas Cast. p. XV.

*na critica , y nobleza de estilo , quanto por la qualidad accidental de lo raras que se han llegado a hacer sus obras. Principalmente a Historia de la Nobleza de Andaluzia , que se imprimio no anno 1588 , merece muitos louvores. Elle escreveo tambem hum Tractado da Casa de Argote , e a Vida do Conde de Buelna , D. Pedro Niño , em que mostrou grandes conhecimentos da Genealogia ; e lembrou-se do Conde de Buelna , cuja Casa está na dos Condes de Benavente , seus descendentes , porque D. Marianna de Argote , filha de D. Diogo de Argote , e neta de D. Diogo Fernando de Argote , Senhor de Cabriñana , Villa Rubia , e Villar Viejo , casou na Casa dos Niños com D. José Niño da Silva , Alferes Mor de Toledo , Senhor dos Morgados del Corral y de los Texares. O mesmo Gonçalo Argote naquelle famoso epitafio , que compoz , e dirigio a seu filho , D. Agostinho Argote , declara o seu tronco. *Mi tronco de varon (diz elle) es de Hernan Martin de Argote , Señor de Lucena y Espejo , Alcaide de los Donceles. E os lugares , que occupou , constaõ do mesmo epitafio , onde lemos : He servido a los Principes Christianos de mi tiempo : al Rey , nuestro Señor , de Criado : al Rey de Francia de Agente : al Rey Estefano de Polonia de Gentil Hombre de su Camara : al Rey D. Sebastian de Portugal de Fator : a la Santa Inquisicion de Commissario : a la Santa Hermandad de Provincial : a Sevilla , mi patria , de Veinte y quatro.**

Lam. Para não omittirmos o escudo dos *Argotes* , bastava (alem do que ja se disse) ter o appellido desta Familia José Contador de Argote , Fidalgo da Casa de sua Magestade , e Academico da Academia Real da Historia Por-

tugueza, como se declara na Historia da mesma Academia. (a) Seu filho, Luiz José Contador de Argote, teve o mesmo Foro de Fidalgo; e casando com D. Ritta Laureanna Paes de Vasconcellos procrearaõ ambos a José Diogo Contador de Argote, nacido no anno de 1774. Procedem os *Argotes* deste Reino do Doutor Luiz Contador de Argote, Desembargador da Casa da Supplicação, que se recolheo á Congregaçaõ do Oratorio de Lisboa, e era neto de Luiz Contador de Argote, que servio ao Imperador Maximiliano II.

57. ARNAUT.

Lam. Diz Villasboas, que a Familia dos *Arnaos*, ou Est. 2, *Arnauts* tem por armas em campo de prata seis *Leoens* Esc. 57. *negros*, em duas pallas, rompentes a seu direito, e por tymbre hum dos *Leoens*. Diz mais, que procedem de Guilhem de Arnao, que veio a este Reino com a Rainha D. Filippa, e que foi seu Vedor. Coelho nada acrescenta, quanto ás armas; porêm, quanto a Guilherme Arnao, progenitor da Familia no Reino, diz, que fora Mordomo Mor da dita Rainha D. Filippa, mulher de ElRei D. Joaõ I; e que por morte della servira ao Infante D. Pedro, que o estimou muito, e lhe deo a Villa de *Cernache* com as terras de *Almalaguez*, e *Sobreiro*, e que morreo com o mesmo Infante na de Alfarrobeira, deixando entre outros filhos ao Beato Fr. Arnao, Dominico, a quem ElRei D. Joaõ III (deve dizer II) visitara muitas vezes, e por seu

Rr

ref-

(a) Histor. da Acad. tom. 1, pag. 57.

respeito dera ao Convento de Bemfica huma boa fazenda na Ericeira, que rende cada anno vinte moios. O P. Soufa (a) na *Historia de S. Domingos* diz, que a dita fazenda tem por nome os *Casais de Ilhas*; e que ao filho Religioso de Guilherme Arnao se chamara Fr. Bernardo Arnao de Rivo, cujas virtudes, e prodigios refere; e que tivera hum irmaõ secular, por nome Lançarote Arnao, que casara em Coimbra com huma filha de Joaõ Pagem (outros dizem, que com D. Catharina de Brito, filha de Estevaõ Gonçalves Leitaõ) e descendiaõ Pai e filhos do Conde de Aro, ou Arondel em Inglaterra; pelo que trazia o dito Pai por armas os quatro Leoens negros em campo de prata com feu elmo cerrado; e que o Infante D. Pedro, com quem morreo na de Alfarrobeira, como ja disse, sendo Regente do Reino na minoridade de ElRei D. Affonso V, lhe dera a Villa de Cernache dos Alhos, e mais terras declaradas por Coelho. Quasi o mesmo se acha escrito no *Agiologio Lusitano*, (b) onde seu Autor conta as virtudes de Fr. Bernardo Arnao, e refere a inscripçaõ, que se via na sua sepultura em Bemfica. Vedes por isto, que os Arnaos Portuguezes saõ originarios de Inglaterra, e que foi o primeiro, que passou a este Reino, o referido Guilherme Arnao, Vedor, ou Mordomo Mor da Rainha D. Filippa.

D. Hug. Os Condes de Arondel em Inglaterra, de cuja Familia deduz o P. Soufa a dos *Arnaos* Portuguezes, tem tido varios appellidos, a saber, *Fitz-Alan*, *Howard* &c. e naõ me consta, que usassem até agora o de *Arnaut*.

Em

(a) Souf. Hist. de S. Dom. part. 2, liv. 2, cap. 8, e 9, pag. 116, e seg.

(b) Cardof. Agiolog. Lusit. tom. 3, ao dia 2 de Maio, pag. 39.

Em França tem sido famosa a Familia dos *Arnaos*, ou *Arnaldos* de Auvernia pelos illustres filhos, que deo á Toga, Milicia, e materias de Estado, constantes das Historias, a saber, Antonio Arnaldo, Jurisconsulto memoravel, Simão Arnaldo, Marquez de Pompone, Embaixador a Suecia, e porfim Secretario de Estado, Henrique Arnaldo, Bispo de Angers &c.; porem estes *Arnaldos* trazem huma montanha por brazaõ, e naõ saõ Inglezes, nem julgo, que delles procedeffem os *Arnaos*, que em tempo de ElRei D. Joaõ I passaraõ a Portugal. Na Historia Genealogica de Espanha he tambem nomeado Mr. Arnao, Francez, cuja filha, D. Maria Sohier, casou com D. Joaõ de Velasco, Camareiro Mor de ElRei D. Joaõ II de Castella, e filho de Pedro Fernandes de Velasco, pessoas de nobreza muito segura. Mas dizei-me, Senhor Lami, ha ainda presentemente neste Reino o appellido *Arnaut*?

Lam. A CASA dos COSTAS GRAMACHOS de Soure na Comarca de Leiria usa desse appellido, e o deriva de Manoel Arnaut, Commendador na Ordem de Christo, filho de Lançarote Arnaut, que os nossos Escritores, Coelho, Souza, e Cardoso, dizem ser filho de Guilherme Arnaut, Mordomo Mor da Rainha D. Filippa. O dito Manoel Arnaut casou com D. Brites Monteiro de Mello, filha de Gaspar Florim, Chanceller da India, e delles nasceu Bernardo Arnaut Monteiro, do qual por varonia descendeo Francisco de Vasconcellos de Souza Gramacho Arnaut, Desembargador da Casa da Supplicação, casado com huma filha de Antonio Vellez de Castello Branco, Mestre de Campo de Auxiliares na Comarca de Esgueira, e

de sua mulher, D. Francisca Marianna de Napoles e Lemos, filha de Bernardo de Napoles e Lemos, Fidalgo da Casa Real, e neto dos Senhores da Honra de Nandufe. Os Pais de Francisco de Vasconcellos Gramacho Arnaut foram Diogo da Costa Gramacho Brandaõ Arnaut, natural de Coimbra, e sua mulher, D. Maria Mascarenhas de Vasconcellos, filha de Francisco de Vasconcellos de Alcaçova, Moço Fidalgo da Casa de Sua Magestade, e natural da Ilha da Madeira, da qual foi segundo marido; e tem tambem fangue da Familia *Arnaut* a Casa dos *Silvas Ataides* de Leiria, por descender Luiz da Silva de Ataide, Moço Fidalgo da Casa Real, e Guarda Mor dos Pinhais de Leiria, Senhor da dita Casa, do Bernardo Arnaut Monteiro, que ha pouco nomeei; porque D. Maria, filha do dito Bernardo Arnaut, casou com seu bifavõ, Luiz da Silva de Ataide, Guarda Mor dos referidos Pinhais: o que mostra o illustre predicamento da Familia *Arnaut*, pelo terem muito distinto neste Reino as ditas duas Casas.

58. ARRAES.

Est. 2.
Esc. 58. *Lam.* Diz a *Nobiliarchia*, que os *Arraes* tem por armas o escudo esquartelado, ao primeiro de vermelho nove folhas de golfaõ de oiro em tres pallas: ao segundo partido em aspa de oiro, e verde, hum Spreto sobre o oiro, e sobre o verde huma banda vermelha acoticada de oiro, e assim os contrarios: tymbre hum meio Selvagem com hum remo de oiro ás costas. Sobre a origem diz, que nas vistas, que houve em 1373 sobre o Rio Tejo, dos dois Reis, D. Fernando de Portugal, e D. Henrique II de Castella, com a con-

cur-

currencia de ambas as Cortes Portugeza e Castellhana, reparara D. Henrique na galhardia do Batel do Rei Portuguez, bella presença deste Principe, e no asseio e louçania do Patraõ do mesmo Batel, que era hum gentil Cavalleiro, e dissera para os seus Cortezaons: *Fermoso Rei, fermosa Barca, fermoso Arraes*: palavras, de que o Cavalleiro Portuguez ficara taõ desvanecido, que para transmittir aos seus descendentes a lembrança de semelhante honra tomara o nome de *Arraes* por appellido, que passou aos mesmos descendentes. Coelho declara, que as armas dos *Arraes* saõ unicamente as folhas de Golfaons, e que o restante, apontado por Villasboas, saõ as armas dos *Mendoças*, por se usarem sempre juntos os appellidos *Arraes*, e *Mendoça*: e naõ convindo na origem do appellido *Arraes* com Villasboas diz, que em tempo de ElRei de Portugal D. Affonso IV (antes de D. Fernando) fora conhecido D. Fernando Arraes, Fidalgo Castellhano, que tinha a Fronteira contra o Algarve por ElRei D. Affonso XI de Castella, e que lhe parece procederem daquelle Reino os *Arraes* deste, e que saõ juntamente *Mendoças*. Purificaçaõ dá a esta Familia naõ nove, mas *seis folhas de Golfaõ de oiro em campo vermelho* (mas diz, que *alguns usaõ das nove folhas*) e que o tymbre hade ser o meio Selvagem maritimo com o remo de oiro aos hombros; e sobre a origem cita a Chronica de Duarte Nunes de Leaõ para persuadir, que das palavras do Rei de Castella he, que se originou o appellido *Arraes*, como sentem quasi todos os outros nossos Genealogicos.

D. Hug. Tendo havido antes de ElRei D. Fernando de Portugal, como diz Coelho, Fidalgos do appellido *Arraes*,

fica.

fica duvidosa a opiniaõ dos que deduzem este appellido do Patraõ do Escaler, ou Bergantim do mesmo D. Fernando.

Lam. Naõ ha duvida, que os nossos Escriitores nomeaõ ao D. Fernando Arraes, Fronteiro contra o Algarve por Castella, lembrado por Coelho em tempo de ElRei D. Affonso IV pelos annos de 1339, naõ menos que 34 annos antes das vistas dos dois Reis sobre o Tejo em 1373. Duarte Nunes na Chronica do dito D. Affonso IV, tractando das guerras, que entaõ havia entre as duas naçoens, diz: (a) *Alem desta perda do mar, hum Fernando Arraes, que por Castella tinha a Fronteira da Terra do Algarve, entrou com muita gente pela terra de ElRei de Portugal, e veio correr a Castromarim &c.* O mesmo refere Manoel de Faria na sua Europa, (b) e tambem Fr. Rafael de Jesus, hum dos Autores da Monarchia Lusitana; (c) se bem que este parece se equivocou em dar a Fernando Arraes o appellido de Argaes, contra o que antes d'elle tinhaõ escrito Nunes, e Faria, que devem, quanto a mim, ser criados. Na Dedicatoria do Theatro da Eloquencia, composto por Francisco de Pina, se affirma, que os *Arraes* deste Reino saõ *Mendoças* por varonia, por quanto Pedro Dias de Mendoça, hum dos duzentos Fidalgos, que o Rei D. Affonso X herdou em Sevilha no anno de 1253, como attesta Salazar de Castro (d) na *Historia da Casa de Lara*, foi

(a) Chron. de D. Af. IV, pag. 132.

(b) Faria, Europ. Port. tom. 2, pag. 165.

(c) Mon. Lusit. tom. 7, liv. 8, cap. 14.

(d) Hist. da Cas. de Lara, tom. 1, l. 2, cap. 13, pag. 106.